

A stylized, high-contrast portrait of Salim Miguel, an elderly man with glasses and a mustache, wearing a light blue shirt and a dark tie. The portrait is rendered in a fragmented, mosaic-like style with a color palette of reds, oranges, and blues. The background is dark with abstract, colorful shapes.

LIBANUS

REVISTA

Suplemento Especial/ N° 1
Janeiro 2024

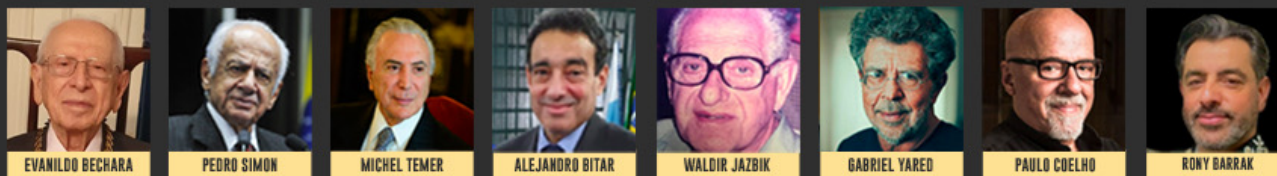
ISSN - 2965-4181

SUPLEMENTO ESPECIAL

100 ANOS DE SALIM MIGUEL



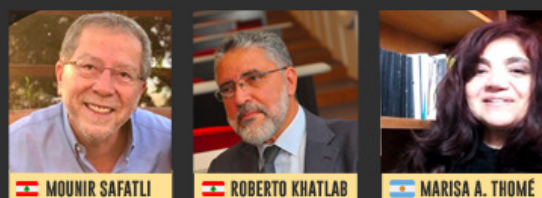
ACADÊMICOS DE HONRA



ACADÊMICOS



SÓCIOS CORRESPONDENTES



SUMÁRIO

SUPLEMENTO 100 ANOS DE SALIM MIGUEL

Editorial

..... Pág. 5-8

Linha do Tempo de Salim Miguel

..... Pág.9

Cronologia de Salim Miguel

..... Pág. 10-13

José Castello

De volta no tempo: entrevista Salim Miguel

..... Pág. 14-23

Adriane Canan

Eglê as muitas Eglês

..... Pág. 23-27

Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

Crônicas de Salim Miguel

..... Pág. 28-36

Marcos Moussallem

À procura da trilha sonora de Salim Miguel

..... Pág. 37-38

Galeria de fotos de Salim Miguel

..... Pág. 39-47

SUMÁRIO

SUPLEMENTO 100 ANOS DE SALIM MIGUEL

Muna Omran

Nur na Escuridão – Uma Luz na História da Imigração no Brasil
..... Pág. 48-54

Ensaio Fotográfico – Ghabi Hajj

Kfarsaroun – textos de “Nur na Escuridão”
..... Pág. 55-68

Antônio Carlos Miguel

À procura de sentimentos vividos
..... Pág. 69- 70

Samir Barghouti

Poemas para Salim
..... Pág. 71-74

Jorge Luiz

*Memórias de exílios no Rio- algumas palavras, à guisa de apresentação
do livro inacabado*
..... Pág. 75-77

Dr Alejandro Bitar

Salim Miguel: um livro da escuridão para a Luz
..... Pág. 78-79

Alguns dos principais títulos da obra de Salim Miguel

..... Pág. 80

SUMÁRIO

SUPLEMENTO 100 ANOS DE SALIM MIGUEL

CRÉDITOS-

Corpo editorial Suplemento- 100 anos de Salim Miguel: *Cristina Ayoub Riche (editora)/ Samir Barghouti (sub-editor)/ Soraya Kassouf Sad (revisão)/ Marcos Moussallem (coordenador), Tárík de Souza Farhat, Antônio Carlos Miguel (Colaboradores).*

***As ideias e opiniões expressas nos artigos e textos nesta suplemento são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências.**

*** Foto de capa: Ilustração da foto de Salim Miguel / arquivo familiar**

© Copyright Libanus– 2024

ISSN - 2965-4181

NUR NA ESCURIDÃO



EDITORIAL

O nome ditado em sonho: “Não te esqueças. Chama o menino de Salim”

Salim Miguel cem anos, este é o conteúdo do suplemento especial da Revista Libanus, uma homenagem ao grande escritor, jornalista, livreiro, editor, ensaísta, cineasta, animador cultural, patrono da Academia Líbano-brasileira de Letras, Artes e Ciências (ALB), que virou eternidade. Salim veio ao mundo em 30 de janeiro de 1924, no Líbano, no vilarejo de Kfarszaroun, e morreu em 22 de abril de 2016, em Brasília (DF).

Em 18 de maio de 1927 Salim e sua família chegam ao Cais do Porto, na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, em seguida vão para Magé, na Baixada Fluminense, depois passam a viver em Biguaçu (SC) e, também, em Florianópolis, no mesmo estado. Aí está o início da grande aventura desse líbano-biguaçuense.

Aqui iremos oferecer palavras que buscam dar voz a um sentimento, buscam concretizar a beleza e a sensibilidade que nos proporcionam a robusta obra de Salim Miguel. São muitos atributos e desafios, uma vida marcada por afetos e “aproximações”.

Algumas das belezas e os caminhos para mergulharmos no universo literário de Salim Miguel estão neste suplemento.

Para quem conhece sua obra esta é uma oportunidade de reler e se aprofundar e, para quem desconhece, certamente, será oportunidade para ter o prazer de desvendar os enigmas, pois, sua prosa flui lindamente e é possível perceber a sua vontade, o seu compromisso, em fazer a literatura crescer.

Ler é o verbo cuja origem vem do latim *legere* e, desde os primórdios, significa colher, escolher, recolher, pois essa era a prática dos antigos romanos, quando selecionavam, por exemplo, os cereais, os frutos. A raiz etimológica desse verbete está presente no termo *eleger*, e isso nos faz refletir sobre a nossa realidade atual, estamos deixando de escolher, pois os algoritmos das redes sociais assumem esse protagonismo, colhendo os nossos frutos. Cada vez mais somos escolhidos, estão ditando as nossas escolhas, cada vez mais somos objeto de apelos que nos convertem em números, em estatísticas.

E ao escolhermos a obra de Salim Miguel percebemos que podemos ser os protagonistas das nossas histórias, podemos escolher que história contar, dando vez à vida, ao sentimento, porque é

assim que se aprende sobre o amor e que se aprende sobre a resistência, sobre a resiliência, se aprende sobre as letras e a literatura e como elas podem mudar as pessoas.

Salim é um amante da leitura e com a sua obra somos capazes de concretizar o sentido atual da palavra ler, isto é, obter informações por meio da percepção das letras, já que assim desenvolvemos a capacidade de escolher e definir corretamente letras e palavras, passamos a “colher com os olhos”. Tive a honra de ser convidada pela Fundação Catarinense de Cultura para escrever um ensaio, com vários outros escritores, conhecedores e admiradores da obra de Salim Miguel, em homenagem aos seus 50 anos de produção literária no Brasil. Lá escrevi Layla iluminada como contraponto ao seu maravilhoso romance *Nur na escuridão*. O livro *Salim na Claridade*, publicado em 2001, organizado por Flávio José Cardozo, expressa o quanto Salim Miguel sabia fazer da palavra impressa o seu instrumento de sentir o mundo, ele que estava sempre a recriar, a recriar-se e a lembrar que o autor escreve e o leitor reescreve.

Salim Miguel escreveu uma linda história em todos os sentidos e qual não foi minha alegria ao saber que ele me dedicara o conto *Marulho*, no livro *Mare nostrum, romance desmontável*, publicado em 2004. Um romance polifônico, que nos remete a várias narrativas, a personagens e a vários lugares no mundo e, também, à nossa aldeia, ancorados na temática do mar. Tem, como em *Nur*, uma estrutura narrativa que lembra *As mil e uma noites*, dando asas à imaginação. Ele faz a ligação entre um texto e outro por meio de um nome, de um som, de uma frase, de uma situação. Salim observa que jamais conseguiu escrever um romance convencional, com começo, meio e fim. Para ele, situações e personagens surgem e reaparecem, ou não, como na própria vida, e a imaginação é que costura tudo. *Marulho* não é somente o barulho causado pelo vaivém das águas do mar, mas é a tradução da nossa inquietação, o aguçar da nossa curiosidade.

E agora, na condição de editora da revista *Libanus*, prestamos esta nova homenagem. *Nur* é um romance amoroso, pleno em afeto, e oferece aos leitores a crença de que a vida humana merece ser vivida, em que pesem os sofrimentos imputados pelos humanos a si mesmos e a outros seres. Como a fênix, estamos sempre renascendo!

Salim, que em árabe significa o pacificador, queria que os descendentes de libaneses descobrissem que eles são um povo que lutou e trabalhou para formar o Brasil. Por isso misturou fatos reais da história da sua vida com ficção, para assim um maior número de pessoas ver a sua saga refletida em *Nur na escuridão*.

Para discorrer sobre a obra de Salim Miguel me ancoro em Immanuel Kant, que distingue dois fenômenos muito próximos, o belo e o sublime. O belo, gracioso e aprazível, o que nos pacifica e nos alegra, e o sublime, que traz algo do que é belo mas é atravessado pelo espanto, pela surpresa, algo assombroso.

Assim é a obra de Salim Miguel, bela e sublime, ler seus livros, seus romances, seus contos, suas entrevistas, conversar com Salim, conhecer sua história generosa, seu mundo, reflexo esculpido do que há de melhor na humanidade, nos reconhecemos na sua ancestralidade, é sempre uma oportunidade de refletir sobre a vida, de nos comovermos, de reforçarmos a rede de afetos, de nos aproximarmos, de nos admirarmos com o simples, com o trivial, com o cotidiano e descobriremos uma riqueza enorme na sua subjetividade tão inspiradora.

Convidamos a participarem deste suplemento a família de Salim e Eglê, filhas(os) e netas(os), a ela nos juntamos nesta linda homenagem do centenário. Como iniciativa alvissareira, sua família nos presenteia agora com o site www.salimmiguel100anos.com.br, que está fantástico.

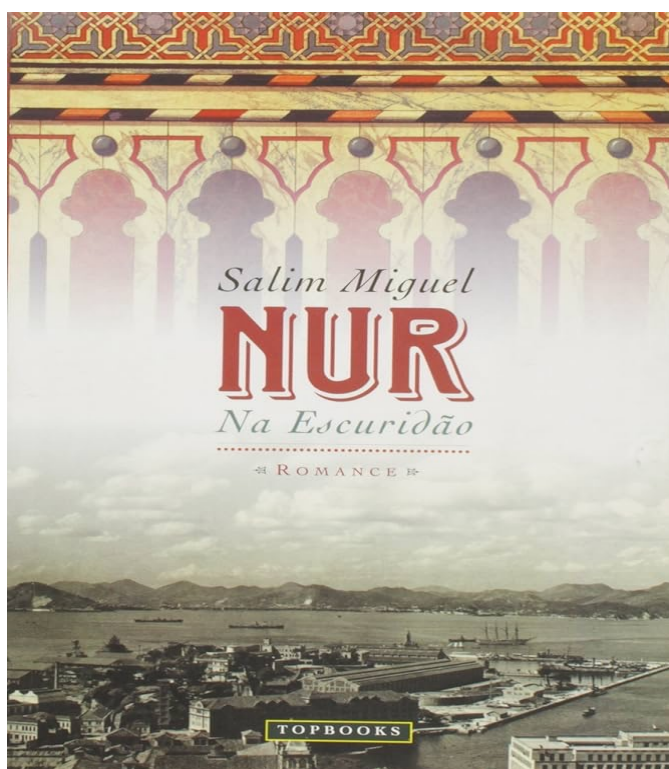
Aqui vocês irão encontrar uma linha do tempo, uma cronologia de Salim Miguel, uma galeria de fotografias eternizando os momentos mais significativos. Inclusive, destaque-se, o verbete fotografia vem do grego “gravar com luz”.

Reeditamos a entrevista realizada, em 01/10/2008, por José Castello, para Paiol Literário — projeto realizado pelo jornal Rascunho, em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba e o Sesi Paraná.

Reeditamos a crônica de Salim Miguel intitulada: George, o primo de Washington, publicada, originalmente, em 29 de maio de 1998, na Gazeta Mercantil.

Aqui contamos com a valiosa participação de Antonio Carlos Miguel, jornalista, filho de Salim Miguel e nosso confrade acadêmico da ALB, que nos brinda com o artigo À procura de sentimentos vividos.

Apresentamos o artigo *Nur na Escuridão – Uma Luz na História da Imigração no Brasil* da escritora, dramaturga e professora Muna Omran, nossa confrreira acadêmica da ALB, que ocupa a cadeira de número 25, cujo patrono é Salim Miguel.



Marcos Moussallem, chefe de gabinete do Cônsul-Geral do Líbano no Rio de Janeiro, engenhosamente imagina a trilha sonora de Salim Miguel e nos brinda com um texto sensível, intitulado À procura da trilha sonora de Salim Miguel.

Contamos com o texto da jornalista e cineasta Adriane Canan, que aceitou o nosso convite para falar de Eglê e as muitas Eglês, ela, uma mulher plural e generosa, muito à frente do seu tempo, professora e escritora, a primeira cineasta catarinense, tradutora, editora, primeira mulher a se formar na Faculdade de Direito, em Santa Catarina, que criou e integrou o Grupo Sul, crítica da obra e companheira eterna de Salim.

As homenagens continuam com o texto de Samir Barghouti, professor, acadêmico, confrade da ALB em que apresenta Poemas para Salim, na versão em árabe e respectiva tradução para a língua portuguesa, em que escolhe duas referências literárias, o maior poeta libanês de todos os tempos, Said Akl, e o poeta sírio Nizar Qabbani, um dos poetas mais declamados e recitados do mundo árabe.

Contamos com o precioso artigo do neto de Salim, Jorge Luiz, intitulado Memórias de exílios no Rio – Algumas palavras à guisa de apresentação do livro inacabado. A leitura deste texto é imperdível. Lembrando que Jorge Luiz conviveu muito com os avós e passou a ler para Salim Miguel, quando a visão do nosso homenageado ficou reduzida e já não mais respondia.

Jorge Luiz, assim como Eglê, foi a luz dos olhos do Salim, assim como Salim foi a luz dos olhos do livreiro e poeta cego de Biguaçu, João Mendes. Quanta amorosidade e generosidade envolvidas neste gesto!

O resgate do desejo de sonhar está muito presente na sua obra, há sempre novos horizontes e marcas de esperanças, há ali uma paixão pela vida que não pode ser esquecida, sabe como poucos tornar compreensível uma realidade fugidia por meio de palavras plenas em grande vivência, imaginação e compaixão. Salim junta passado e presente, vida e morte, memória e imaginação num mesmo espaço. Uma soma de força e delicadeza que nos propicia uma das mais belas viagens que os amantes da linguagem e da literatura podem realizar, é a luz dos nossos olhos.

Agradecemos especialmente ao Cônsul-geral do Líbano no Rio de Janeiro, Alejandro Bitar, que nos brindou com um texto bastante reflexivo e sugestivo nos tempos atuais: Salim Miguel: da escuridão para a luz

E mais, por meio do belíssimo ensaio fotográfico de Ghabi Hajj, que é do mesmo vilarejo de Salim, convidamos vocês para um passeio em Kfarssaroun, Koura, ao norte do Líbano, o vilarejo original de Salim Miguel.

A todos e todas, desde já, nossa gratidão pela participação e pelos aportes tão valiosos. Agradeço aos parceiros que integram o corpo editorial da Libanus Samir Barghouti, Marcos Moussallem e Soraya Kassouf Sad.

Há mais de duas décadas quando leio, releio e revisito as obras de Salim Miguel, sinto a potência do seu trabalho, do seu fazer literário, me tocarem e me afetarem de modo profundo, reforçando o nosso olhar sobre a importância da cultura, da leitura, da literatura, do livro, sobre o nosso compromisso com a humanidade e com a construção de um mundo melhor, mais justo, em que o amor e a dignidade humana prevaleçam. Há luz na escuridão! Salim Miguel é eternidade!

Boa leitura!

Profª. Dra. Cristina Ayoub Riche

Editora da Revista Libanus / Acadêmica da Academia Líbano-brasileira de Letras, Artes e Ciências / Admiradora e amiga de Salim Miguel



SALIM MIGUEL

1924

30 DE JANEIRO

Nasce Salim Miguel em Kfarsaroun, Koura, Líbano



1927

18 DE MAIO

Chegada da Família de Salim Miguel, Cais do Porto, Praça Mauá, Rio de Janeiro



1932-1934

MUDANÇA PARA SANTA CATARINA

1932 - A família se muda para Biguaçu (a 20 kms de Florianópolis). 1934- Em maio, mudança para Florianópolis



1947

GRUPO SUL

Salim é um dos criadores do Grupo Sul. Também participam a futura companheira, Eglê Malheiros, e outros jovens intelectuais de Florianópolis.



1951

ESTREIA COMO ESCRITOR

Estreia como escritor com "Velhice e outros contos". Este é também o primeiro livro publicado pelas Edições Sul.



1964

PRISÃO

Acusado de subversão, é preso para averiguações em abril, passando 48 dias na cadeia da Polícia Militar. O episódio, 30 anos depois, será abordado no romance "Primeiro de Abril: Narrativas da cadeia".



2009

PRÊMIO MACHADO DE ASSIS

Premiação pela Academia Brasileira de Letras para escritores expoentes da literatura nacional



2016

22 DE ABRIL

Morre Salim Miguel em Brasília, DF



CRONOLOGIA SALIM MIGUEL



Família

1952: Casamento no dia 11 de outubro com Eglê Malheiros.

1953: Nasce em Florianópolis, no 15 de maio, o primeiro filho, João José Miguel.

1954: Nasce em Florianópolis, em 28 de maio, o segundo filho, Antônio Carlos Miguel.

1955: Nasce em Florianópolis, em 3 de agosto, a filha, Sônia Malheiros Miguel.

1959: Nasce em Florianópolis, no dia 11 de julho, o quarto filho, Paulo Sérgio Miguel.

1967: Nasce no Rio de Janeiro, no dia 27 de fevereiro, o quinto e último filho, Luís Felipe Miguel.



1924: Nascimento, em 30 de janeiro, Kfarsaroun, Líbano, o primogênito de Tamina Atty Miguel e José Miguel (Yussef Mikail Jahnahr)

1927: Em 18 de maio, o casal Tamina e Yussef/José desembarca no porto do Rio de Janeiro, na Praça Mauá, com três filhos, Salim (3 anos e quatro meses), Fádua (cerca de dois anos) e Hend (alguns meses), e ainda um irmão de Tamina, Hanna Atty.

1928: Chegada, no fim do ano, da família na localidade de São Pedro de Alcântara, a cerca de 40 km de Florianópolis..

1932: A família se muda para Biaguaçu (a 20 kms de Florianópolis).

1934: Em maio, mudança para Florianópolis

1947: Salim é um dos criadores do Círculo de Arte Moderna, coletivo de escritores, artistas plásticos, dramaturgos que ficou mais conhecido como Grupo Sul. Também participam a futura companheira, Eglê Malheiros, e outros jovens intelectuais de Florianópolis, como Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga, Fúlvio Luiz Vieira, Antonio Paladino, Walmor Cardoso da Silva, João Paulo de Souza e Hiedy de Assis Corrêa.

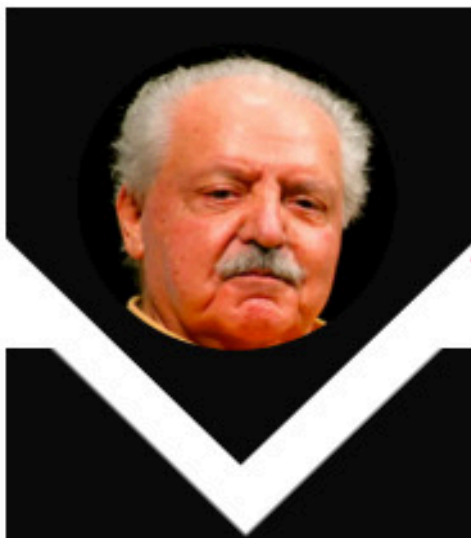
1948: Lançamento do primeiro número da "Revista Sul", que teve 30 edições, até 1957.

1951: Estreia como escritor com "Velhice e outros contos". Este é também o primeiro livro publicado pelas Edições Sul. Até o último título, "Nós" (Editora da UFSC, 2015), foram 21 livros de ficção, entre romances, novelas e contos, e mais uma dezena de ensaios e crítica, além da participação em diversas coletâneas ou projetos coletivos.

1955: Lança "Rede" (Edições Sul), seu primeiro romance e nasce em Florianópolis, em 3 de agosto, a filha, Sônia Malheiros Miguel.

1958: É lançado o filme "O preço da ilusão", primeiro longa-metragem de ficção realizado em Santa Catarina. O filme foi exibido nacionalmente na época mas suas cópias se perderam. Restam preservados apenas 8 minutos. O casal Eglê Malheiros & Salim Miguel assinou o argumento e os diálogos.

1964: Acusado de subversão, é preso para averiguações em abril, passando 48 dias na cadeia da Polícia Militar. O episódio, 30 anos depois, será abordado ficcionalmente no romance "Primeiro de Abril: Narrativas da cadeia".



CRONOLOGIA SALIM MIGUEL

2023: Em julho, no aniversário de 95 anos de Eglê Malheiros, foi lançado o documentário "Eglê" (direção de Adriane Canan). A partir da pesquisa para o longa-metragem foi idealizado e criado o "Acervo Eglê", reunindo documentos, cartas, fotos, textos inéditos. O material foi tratado, digitalizado e também está abrigado no Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel.

2024: Uma série de eventos está programada para acontecer a partir de abril em diferentes instituições, incluindo palestras, seminários, debates nas universidades federais de Santa Catarina (UFSC), Rio de Janeiro (UFRJ) e Brasília (UnB), na ABL, adaptação teatral (no Sesc Friburgo) e reedição de "Nur na escuridão" (pela Editora da UFSC) e um suplemento especial da Revista "Libanus".

1965: Muda-se com a família para o Rio de Janeiro, transferido para a Agência Nacional. No ano seguinte, também é contratado pela Editora Bloch, onde, até 1979, passou pelas redações das revistas "Manchete", "Fatos & Fotos" e "Tendência".

1967: Nasce no Rio de Janeiro, no dia 27 de fevereiro, o quinto e último filho, Luís Felipe Miguel.

1973: Após quase duas décadas sem publicar, volta com o livro de contos "O primeiro gosto" (Ed. da UDESC/Ed. Movimento).

1976: Junto a Eglê Malheiros, Laura Sandroni, Cícero Sandroni e Fausto Cunha cria a Revista "Ficção". Até 1979, foram 45 edições, dedicadas principalmente ao conto contemporâneo ("Histórias Para o Prazer da Leitura" era o subtítulo), reunindo nomes consagrados ou então emergentes.

1979: Mais um livro é editado, "A morte do tenente e outros contos" (Ed. Antares).

1984: Lança o romance "A voz submersa" Global Editora / Reeditado em 2007 pela Record).

1986: Reúne no volume "O Castelo de Frankenstein" (Ed. da UFSC/Ed. Lunardelli) críticas, ensaios e resenhas literárias publicadas em diferentes jornais e revistas do Brasil. Dois anos depois, foi lançado um segundo volume.

1994: Lança o romance "Primeiro de Abril: Narrativas da cadeia" (José Olympio Editora), no qual trata de forma ficcional os 48 dias em que ficou preso para averiguações após o Golpe de 64

1998: Lança a novela "As confissões prematuras" (Letras Contemporâneas).

1999: Lança o romance "Nur na escuridão" (Topbooks).

1999: "Nur na escuridão" é premiado como romance do ano pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).

2001: "Nur na escuridão" recebe o Prêmio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura, dividindo o prêmio com "Meu querido canibal", de Antônio Torres.

2002: Recebe o título Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

2002: Recebe o prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, outorgado pela União Brasileira de Escritores, em parceria com o jornal "Folha de S. Paulo".

CRONOLOGIA SALIM MIGUEL

2005: É publicado "Cartas d'África e alguma poesia" (Rio de Janeiro, Topbooks), volume selecionado por Salim Miguel que reúne parte de sua correspondência com escritores luso-africanos.

2007: "Nur na escuridão" é relançado pela Editora Record

2007: É publicada na França, pela Editora L'Harmattan, "Brésil avril 1964: la dictature s'installe", tradução de Luciana Wrege Rassier e Jean-José Mesguen para o romance "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia".

2008: Sai pela Record o romance "Jornada com Rupert".

2009: Recebe o Prêmio Machado de Assis, da ABL (Academia Brasileira de Letras), pelo conjunto da obra

2011: Lançamento do romance "Reinvenção da infância" (Novo Século)

2013: Traduzido para o árabe, "Nur na escuridão" é lançado no Líbano, com o título "De Koura ao Brasil – Vai e volta", pela editora Dar Saër el-Mashrek.

2013: Inaugurado em 28 de novembro, em Florianópolis, o Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel, com cerca de dez mil livros, revistas e documentos da biblioteca do casal.

2015: É publicado seu último livro de ficção, a novela "Nós" (Editora da UFSC).

2016: Em 22 de abril, morre em Brasília, DF, aos 92 anos. Seu corpo foi cremado e suas cinzas espalhadas no Rio Biguaçu, no cemitério de Florianópolis (onde estão enterrados Tamina & José e alguns de seus irmãos) e na Praia Cachoeira de Bom Jesus, no norte de Florianópolis (onde passava o verão).



ESPAÇO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL:



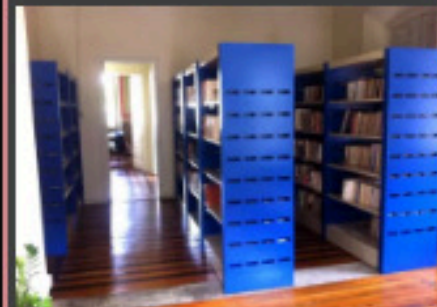
Num casarão histórico no centro da capital catarinense, abriga a biblioteca do casal, doada ao Centro de Ciência Humanas e da Educação da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina). Cerca de 9.300 livros, 267 títulos de revistas, documentos, objetos pessoais (máquina de escrever, medalhas, placas, certificados, fotos, entre outros) estão disponíveis à consulta no IDCH (Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas). Esse acervo é aberto para a comunidade em geral, com funcionamento entre segunda e sexta-feira, das 8h às 17h. Além da consulta ao acervo, as salas (com internet sem fio) podem ser usadas para pesquisa e estudo.



Atualmente, o prédio passa por reformas, mas o acervo pode ser consultado em endereço provisório ou pela internet:

https://www.udesc.br/faed/idch/cole%C3%A7%C3%B5es/egle_salim

Nesse site há links para: Dados Biográficos, Publicações de Eglê Malheiros, Publicações de Salim Miguel, Relação completa das obras doadas para a UDESC, Publicações sobre Eglê Malheiros, Recortes de jornais abrangendo o período de 1950 a 1960, a coleção completa digitalizada Revista Sul (30 edições, entre 1948 e 1957), Recortes sobre o longa-metragem "O preço da ilusão" e uma Galeria de Imagens.





ENTREVISTA - SALIM MIGUEL

(realizada em 01/10/2008, por José Castello, para Paiol Literário — projeto realizado pelo Rascunho, em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba e o Sesi Paraná)

“Nascido no Líbano, em 1924, Salim Miguel está radicado no Brasil desde os três anos de idade, quando sua família se estabeleceu em Santa Catarina. Iniciou sua carreira literária nos anos de 1950, tendo publicado cerca de 30 livros. Entre eles, *Nur na escuridão*, *Mare nostrum* e *Areias do tempo*. Numa conversa com o escritor e jornalista José Castello, mediador do encontro, e o público que compareceu ao Teatro Paiol, Salim falou da influência árabe na sua maneira de narrar histórias, relembrou sua experiência como editor da renomada revista *Ficção* nos anos 70, discorreu sobre sua prisão durante a ditadura militar e apontou algumas características de seu processo criativo. Confira os melhores momentos do bate-papo”.

* O escritor em gestação

A literatura não muda o mundo. Pode mudar o ser humano. Mas ela não me mudou, porque eu pensava em ser escritor já na barriga da minha mãe. Não sei fazer outra coisa a não ser ler e escrever. Sou negado para as coisas práticas. Não sei trocar uma lâmpada. Não sei comprar uma meia. Não sei fazer um cafezinho. Se eu sei — e este “sei” é relativo — alguma coisa, é ler e escrever. Então, o livro não muda o mundo. Pode mudar a cabeça das pessoas. E, se isso ajudar a mudar o mundo, já é importante.

* Signos mágicos

Comecei a escrever antes de aprender a escrever. Naquela época, fim dos anos 20, começo dos 30, depois das estripulias diárias, a criançada se reunia ora na frente da casa de um, ora na frente da casa de outro, e cada um relatava como é que tinha sido o seu dia. As correrias, as brigas. Hoje, nós brigávamos; amanhã, éramos grandes amigos.

Então, eu cortava uma folha do papel-da loja de meu pai, recortava palavras ou letras, juntava alguns rascunhos meus. Linhas na horizontal, na vertical, em círculos. E lia aquilo pra eles. Lia não, porque eu não sabia ler. Inventava que estava lendo. Ali estava surgindo, ao mesmo tempo, o jornalista e o escritor. Então meu pai, me vendo grudado em tudo que era papel impresso, vendo aqueles signos mágicos me fascinarem, me perguntou: “O que pretendes fazer na vida?”. Sem titubear, respondi: “Ler e escrever”. Minha mãe, que era uma mulher sensível, disse: “Não vai ser fácil”. E meu pai: “Fácil não vai ser, mas se ele persistir, conseguirá”. Então, uma palavra que me acompanha toda a vida é “persistir”.

* Dívida com os almanaques

Aos oito anos, encontrei Machado de Assis em um almanaque. Devo muito aos almanaques. Foi Carolina, um dos mais belos sonetos da poesia brasileira e, sem dúvida, o melhor de toda a poesia machadiana - pois, cá entre nós, ele não era um grande poeta. Era um grande contista, um grande romancista, um estudioso da nossa literatura e um cronista excelente.



Então, aquele foi meu primeiro Machado. Aos 12 anos, voltei a encontrá-lo numa “selecta em prosa e verso”, naquele apólogo sobre a agulha e a linha. A agulha e a linha discutindo qual das duas era mais importante. Isso continua válido até hoje. A agulha abre caminho, mas quem se projeta é a linha. É ela quem vai à festa com a dona do vestido. Mas o primeiro romance que li foi **O tronco do ipê**, de José de Alencar, aos nove anos.

- **Os Acácios de Eça e Alencar**

Anos mais tarde, reli **O tronco do ipê**. E me dei conta de uma coisa curiosíssima: no livro, há um conselheiro chamado Acácio. É o mesmo tipo enfatado que diz as maiores banalidades como se dissesse as maiores coisas do mundo. E, aí, fiquei preocupado. Será que o José de Alencar pegou o Conselheiro Acácio do Eça de Queiroz e o copiou? Então a Eglê [Malheiros, escritora, mulher de Salim] e eu consultamos uma enciclopédia e, depois, esse bicho eletrônico que agora nos facilita a vida, mas às vezes nos dá alguns sustos: a internet. O livro de José de Alencar é de 1873. **O primo Basílio**, onde está o Conselheiro Acácio do Eça, é de 1878. Então, a dúvida que fica é a seguinte: será que o Eça tomou conhecimento de **O tronco do ipê**? Deixo isso aos pesquisadores.

- * **Velhice**

Para falar a verdade, se eu tivesse uma formação acadêmica, gostaria de ter sido crítico e ensaísta. João Cabral dizia a mesma coisa. Mas acho que tive o bom senso de sempre escrever muito e rasgar mais do que publiquei. Rasguei muito mais do que publiquei. Tanto que, para os nossos padrões, pelo menos para os da minha juventude, comecei muito tarde. Passei a infância e a adolescência em Biguaçu — tanto que costumo dizer que sou um líbano-biguaçuense — e só comecei a publicar em Florianópolis. Nos anos 40, a capital catarinense tinha quatro jornais. Hoje, só tem um.

(...) Ao mesmo tempo em que eu publicava algumas crônicas nos jornais, já começava a escrever o que chamo de “anotações sobre leituras”. De repente, me disse assim: “Já que estou fazendo crônicas — e a crônica é meio caminho para o conto —, por que não chego ao conto?”. Daí, comecei a publicar contos. Meu primeiro livro é de 1951. Chama-se **Velhice e outros contos**, pois sempre me preocupou o tema da velhice, da morte, do tempo e da memória. Devo esse livro ao IBGE. Não ganhei dinheiro trabalhando para o senso demográfico de 1950, mas cinco dos oito contos desse livro, inclusive os três Velhice — Velhice 1, Velhice 2 e Velhice 3 —, resultaram de conversas com pessoas que fui recensear.

- * **Duas, três coisas**

Trago duas coisas comigo. Primeiro, a persistência, que devo ao meu pai. E, segundo, a teimosia. Não acredito — ou acredito muito pouco — em inspiração. Mas acredito em três coisas: vocação, talento e persistência. Vocação, todos nascemos com uma. (...) Talento, a gente precisa regar como quem rega uma delicada flor.



Se não regar, ela se estiola. E de que maneira ela é regada? Por meio da persistência. Vocação, eu tenho. Talento, não sei, mas o reguei tanto que consegui fazer aquilo que pretendia, que era deixar uma obra. E nunca se pode dizer se uma obra vai ficar ou não. São o tempo   que nos diz isso.

* Começar em Biguaçu

Eu começo pelo fim. Não volto a Biguaçu porque a trago dentro de mim. Volto raramente. Toda minha obra ficcional remete direta ou indiretamente a Biguaçu. Em Biguaçu, durante anos, li muito. Li absolutamente tudo que se possa imaginar. Durante anos, li para um poeta livreiro cego. Quando falo isso, sempre me fazem uma pergunta: “Que livraria fantástica era essa, em que durante anos tu leste em voz alta para um poeta livreiro cego?”. O nome dele era João Mendes. Deixou três livros de poesia. Um dia, fui a sua livraria e lhe fiz uma proposta. Ele não a aceitou, mas fez outra. A minha era a seguinte: eu levaria um livro para ler em casa, o devolveria igualzinho e pegaria um outro. Iria juntando uns trocados e, na hora em que eu tivesse dinheiro para comprar um livro, eu o compraria. “Não”, ele disse. “Vamos fazer diferente. Também tenho fome de leitura. Tu vens aqui e vamos ler nós dois em voz alta.” Então, a pergunta   assim: “Que livraria fantástica era essa em um munic piozinho tão pequeno?”. L , tinha mais material escolar do que literatura. Mas o João Mendes era experiente. Tinha um primo que possuía uma biblioteca em Florianópolis e passou a pedir, para ele, livros emprestados. Além disso, naquela época se pegava muita coisa em consigna o. Então, ele pedia, a uma editora, 50 livros, e tinha 90 dias para pag -los. Ele não podia devolver os 50, mas devolvia 40, 42, e forçava os parentes e amigos a comprar os outros. Nós devor vamos aqueles 50. E o João Mendes, depois de devolver 40, pedia outros 50. Então, aos 12 anos, eu estava lendo **As dores do mundo**, de Schopenhauer.



Mas estava lendo também **Buridan ou os mistérios da Torre de Nesle**, de Michel Z vaco. O primeiro livro em espanhol que li foi **Dom Segundo Sombra**, de Ricardo Guiraldes. Como chegou até a livraria, não sei. Pela editora não pode ter sido, porque era em espanhol. Nunca tirei a limpo se foi mandado pelo tal primo de Florianópolis. Mas devoramos o **Dom Segundo Sombra**. Alguma coisa, ou bastante coisa, nós não entendemos. Foi meu primeiro livro de literatura hispano-americana.

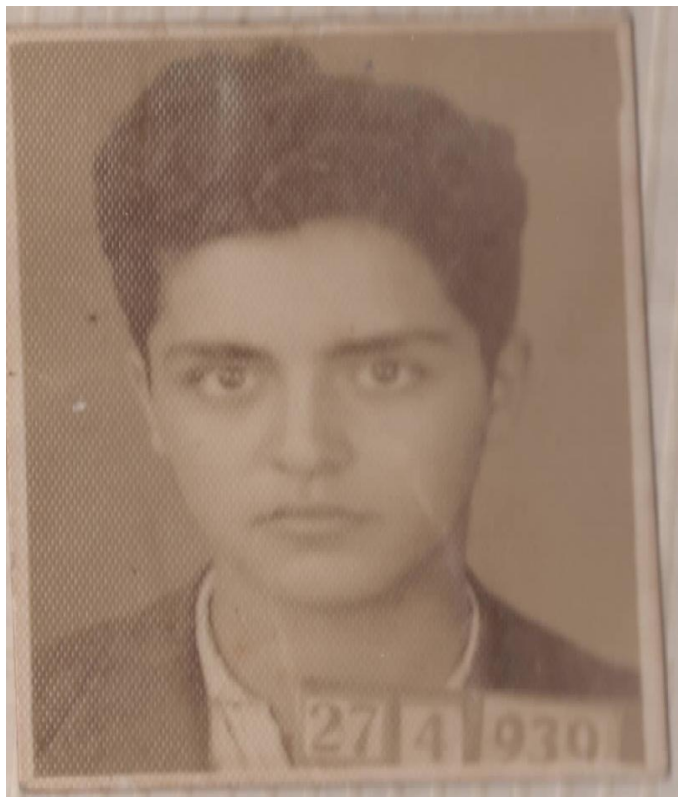
* Dois livros e uma maneira de narrar

Era uma média diária de quatro ou cinco horas. Isso durante, três, quatro, cinco anos, não tenho certeza. Não tenho a mínima idéia, mas devo ter lido mais de 400, 500 livros para o João Mendes. Ambos tínhamos fome de leitura e devor vamos os livros. Então, isso deve ter tido alguma influência na minha maneira de narrar. Além disso, houve dois livros que me marcaram. Primeiro, **As mil e uma noites**, que eu já ouvia de meu pai e minha mãe. Só fui ler o livro depois, em 1957, quando saiu pela Saraiva a primeira edi o integral no Brasil, com ilustra es do Aldemir Martins. Oito volumes, uma edi o belíssima, mas traduzida do francês. Só agora está saindo uma tradu o do  rabe [pela Globo, traduzida por Mamede Mustafa Jarouche].

O outro livro que me marcou — e que tem a ver com **As mil e uma noites** — foi o **Dom Quixote**. Cervantes esteve preso e deve ter tomado conhecimento de **As mil e uma noites**. Se a gente pegar **Dom Quixote** e aquela maneira de Cervantes narrar — uma história puxando outra história, interrompendo, voltando —, é **As mil e uma noites**. É claro, quem sou eu pra falar de **As mil e uma noites** e de Cervantes? Mas a leitura em voz alta e esses dois livros têm a ver com o que eu escrevo, e espero não ofendê-los muito.

* Só palavras

Nunca voltei ao Líbano. Mas comecei a ser alfabetizado em árabe e alemão. Nos dois primeiros distritos onde moramos, em Santa Catarina, não havia escola que ensinasse o português. Então, com meus pais, eu comecei a aprender árabe, e, com um amigo do meu pai, alemão. Quando chegamos a Biguaçu, eu já estava entrando nos oito anos e entrei para o grupo escolar. Foi uma dessas bobagens que a gente faz e depois se arrepende quando já é tarde, mas não quis continuar nem com o árabe e nem com o alemão.



Meu pai me dizia: “Continua. Um homem que sabe dois idiomas vale por dois”. Então, hoje, do árabe e do alemão eu só sei palavras. Minha mãe havia estudado russo e inglês. Meu pai havia estudado francês. De maneira que eles tiveram facilidade em aprender o português. Liam. Mas jamais se esqueciam de se comunicar em árabe. Ou entre eles ou com os patrícios de Biguaçu e de Florianópolis, ou nas viagens que meu pai fazia pelo Brasil. Só que ele nunca quis voltar ao Líbano. Dizia: “Quero manter intacto dentro de mim o Líbano de 1927, quando saí de lá. Não quero ver este Líbano como está hoje”.

* Torneio de frases

Uma professora de literatura árabe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul fez um longo texto sobre **Nur na escuridão**, em que aponta na minha maneira de narrar, em determinadas passagens, a maneira de narrar dos árabes. E como uso muitas palavras árabes nesse livro, ela diz que fiz uma coisa curiosa. Não uso notas de pé de página para explicar que palavras são essas. Faço um torneio de frases para que o leitor fique sabendo que a palavra tal está explicada daquela maneira. É um texto muito interessante o que ela fez, a respeito disso. Acho que estava certa. E acho mesmo que tive uma certa influência da literatura árabe.

* Procurado

Existem duas maneiras de um escritor trabalhar. Os temas são uns poucos desde o começo do mundo, temas recorrentes. Os personagens também. Só que alguns autores ficam procurando isso. Eu não. Personagens e temas me procuram. Para alguns, eu digo: “Tudo bem, vamos ver se trabalhamos juntos”. Para outros, digo: “Ó, por favor, não dá. Procura outro autor, eu não estou disponível”. Posso dar um exemplo? Estava na minha casa de praia com a Eglê e a minha filha Sônia. Anoitecia de repente. A Sônia me diz: “Pai, é para ti essa ligação”. Eu perguntei: “Quem é?”. E ela: “Não sei, é uma voz de mulher”. Peguei o telefone e a mulher disse: “Salim Miguel?”. E eu: “Sim”. E ela: “Preciso falar contigo”.

Começou assim. Eu disse: “Fala”. E ela: “Mas não pode ser por telefone”. Eu: “Mas por quê?”. Ela: “É que estou chegando do Rio de Janeiro e preciso te encontrar”. Pensei: mas que negócio mais maluco. “Não podemos nos encontrar num barzinho aqui em Florianópolis?”. E eu disse: “Por que você não pega um ônibus e vem aqui?”. E ela: “Não, são quase 40 quilômetros”. E não sei mais o quê. Resumindo: marquei com ela no outro dia, na editora da universidade onde eu trabalhava. Às dez horas. Perto das dez, ouço uma voz: “Que pena. Parece, mas não é”. Olhei e lá estava aquela mulher na porta da editora. Ela olhou para mim e disse: “Me desculpe, é uma pena. Parece, mas não é. Até logo”. E eu: “Não, não, não. Que história é essa? Até logo? Parece, mas não é? Me deixaste preocupado. Deixaste minha mulher com a pulga atrás da orelha e agora vens com isso? Que pena, parece, mas não é? Tu me deves uma explicação”. Ela perguntou: “Será que devo?”. E eu: “Deve, sim”. Ela entrou. Eu disse: “Senta”. Ela sentou e disse: “Anteontem, passei numa banca, peguei um jornal, abri e vi uma foto tua, com uma enorme matéria falando do teu último livro. Olhei e disse: ‘É ele, é ele’”. “Ele quem?” “Pois é aí que começa a história.” “Me conte.” E ela: “Nunca. Jamais contei para ninguém”. E eu: “Agora vai contar para mim. Tu estás me devendo alguma coisa”. E ela me contou um conto que se chama *Um verão louco*. Um conto completo.

* Jornalismo e uma pitadinha de ficção

Devo muito ao meu trabalho como jornalista. Trabalhei quase 40 anos como jornalista. E, em jornalismo — a não ser plantão de polícia —, eu fiz de tudo. Até horóscopo. Um bom texto jornalístico, quer a gente queira, quer não, sempre tem uma pitadinha de ficção. Acho que jornalismo também é literatura. Ao contrário do que muitos dizem. Cito, por exemplo, algumas matérias de Joel Silveira que são modelos de bom jornalismo. Aquilo ali é literatura.

* Memória pessoal

Aqueles que dizem “não escrevo para os outros, escrevo pra mim” não estão falando a verdade. A gente sempre escreve por uma necessidade interior, escreve para se comunicar. No meu caso, sempre repito que, quando um livro chega ao leitor, ele é e não é mais do autor. Passa a ser de quem o está lendo, que pode largá-lo depois de ler cinco páginas. E pode ajudar o autor cortando alguma coisa, emendando, aceitando, recusando. Então, escrevo por uma necessidade interior, mas não vou ser hipócrita e dizer que escrevo para não ser lido. Escrevo para ser lido. Para deixar o meu recado, o recado do meu tempo, do meu jeito, da minha época. Agora, se isso vai ter validade daqui para diante ninguém sabe. Grandes nomes que começaram há 50 anos, ninguém mais sabe quem são. E outros, que ficaram submersos, de repente apareceram. E não é a quantidade de livros o que marca um autor. É a qualidade. Por exemplo: Juan Rulfo. Bastaram dois livros para torná-lo uma referência da literatura hispano-americana, da literatura do século 20. Espero que dos meus 30 livros, alguns, pelo menos, permaneçam.



* Revista Ficção

Eu trabalhava na revista Manchete e, entre os meus vários colegas, estava o Cícero Sandroni, que em 1965 havia, juntamente com o Odylo Costa, filho, publicado dois números da revista Ficção. Então, durante um almoço no restaurante da Manchete, eu disse para ele: “Cícero, eu estava pronto para mandar um conto para a Ficção quando ela acabou”. E ele: “Pois é. Até hoje penso em relançar a revista”. E eu: “E por que não passamos a pensar juntos?”. Uma semana depois, ele me procurou e disse assim: “Vamos fazer uma reunião na minha casa?”. Aí nos reunimos, Fausto Cunha, Laura Sandroni, Eglê Malheiros, Cícero e eu. Decidimos relançar a revista. E formamos um conselho editorial. Entre outros, Mário Pontes, Helio Pólvora e mais três, de quem agora me fogem os nomes. Isso foi em 1975. Em janeiro de 1976, lançamos o primeiro número da Ficção, com o propósito de, durante um ano, não repetirmos nomes, fazermos o mapeamento do conto no Brasil, recuando até contistas do passado e com várias rubricas, até contistas de outros países: hispano-americanos, norteamericanos, portugueses, africanos, italianos, franceses e por aí vai. Começamos tirando 15 mil exemplares. A revista durou até 1979. Quando a gente imaginava que ela já estava estabelecida, acabou. Foram uns 44 números.

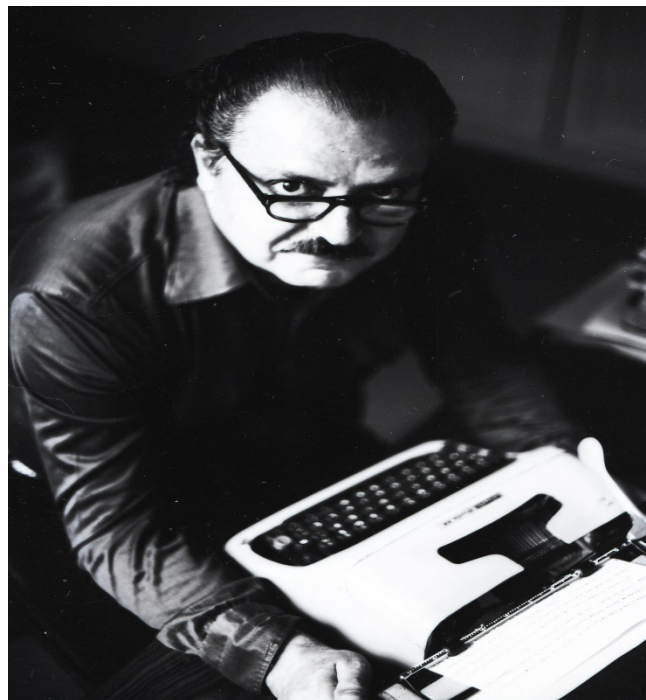
* Decepcionados com a censura

Ao contrário de outras revistas, a nossa não sofria censura prévia. Só tínhamos que mandar um exemplar para a censura depois que a revista saía. O Arthur da Távola havia mandado um conto para uma revista de São Paulo, que tinha que ser enviada para a censura antes da publicação, e o conto foi recusado. Um dia, ele me procurou na redação da Manchete e me disse: “Vocês arriscariam publicar este conto?”. Eu peguei e disse: “Arthur, não posso dizer que nós arriscaríamos, mas vou levar o conto. Nós vamos ler e decidir o que fazer com ele”.

Era um conto interessante, embora não fosse uma obra-prima (obras-primas também não surgem todo dia). E resolvemos publicá-lo para ver se acontecia alguma coisa. Ficamos decepcionadíssimos. Até hoje estamos esperando que a censura nos ataque por termos publicado aquele conto do Arthur da Távola.

* Cachorra da família

Estava conversando com alunos a quem uma professora havia distribuído meu livro **Nur na escuridão**. E de repente, uma moça me disse assim: “Só não aceito que um autor tente enganar o leitor”. E eu: “Mas enganar como?”. E ela: “No teu livro, tem um capítulo chamado ‘Taira’. Eu o li praticamente inteiro, certa de que estava lendo sobre uma pessoa da família. E Taira era uma cachorra”. Respondi: “Mas era uma pessoa da família. E eu nem inovei. Está aí a Baleia do Graciliano. Está aí a novelinha **O cão e seu dono**, de Thomas Mann”. Ela disse: “Pois é. Mas tu chegas a dizer que ela está ‘grávida’, quando ‘grávida’ se usa para as mulheres. Para mim, ela estaria ‘prenha’”. E eu: “Não. Ela era uma pessoa da família”.

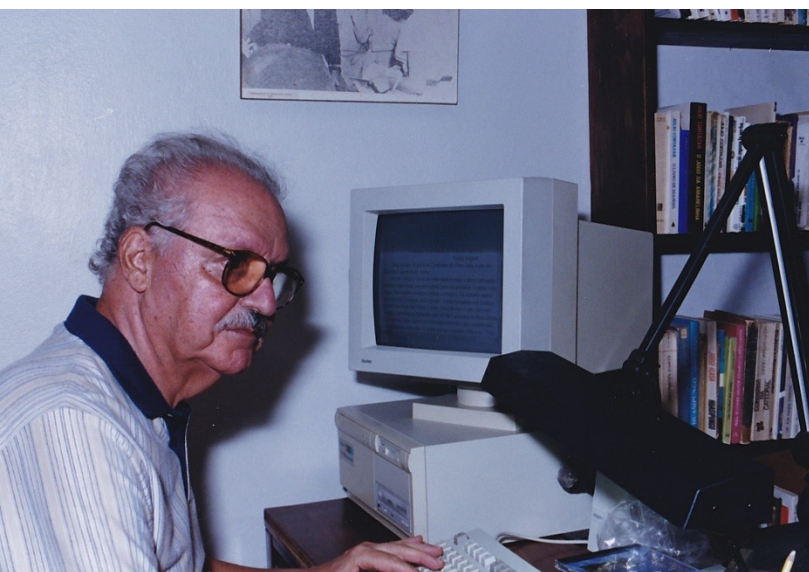


* O livro é do leitor

Houve uma jovem de Belém do Pará. Acho que era uma jovem, porque nossa voz também envelhece. Minha voz de hoje não é a voz de dez anos atrás, não é a voz de 20 anos atrás. Pois essa jovem me telefona para dizer assim: “Custei a encontrar seu livro **Nur na escuridão**. Não havia nas livrarias. Não havia na editora. Afinal consegui. Ainda não terminei, mas não pude deixar de te telefonar. Me emocionei tanto que cheguei às lágrimas”. Aí, fiz-lhe uma pergunta que depois, pensando bem, conversando com a Eglê, vi que foi meio imbecil. Perguntei: “Você tem alguma coisa a ver com libaneses?”. Ela respondeu: “E é preciso ter para gostar do seu livro?”. Para o autor, isso é o mais importante. É preciso conhecer ou ter alguma coisa haver com o autor para se gostar do livro dele? É nesse momento que digo que um livro já passou a ser mais do leitor do que do autor.

* Memórias da prisão

Fiquei 48 dias preso. Fui preso em 2 de abril e solto em 20 de maio. Fiquei no alojamento do Quartel da Polícia Militar de Florianópolis. A Eglê me mandou um caderno e um lápis — lá não podia entrar caneta, era uma arma muito perigosa. Então, fui fazendo anotações a despeito das minhas reações e das reações das 60 pessoas que estavam comigo.



Só que deixei aquilo dormir por exatos 30 anos. Não queria dar meu depoimento com rancor ou com mágoa. Queria dar um depoimento isento. Como foram aqueles 48 dias, como é que cada um de nós reagiu. Só que tentei escrever na primeira pessoa. E era “eu” demais. Na terceira, me dava um distanciamento que eu não queria. Então, o livro todo é narrado na segunda pessoa. E agora ele acabou de sair na França, faz um ano. Só que, lá, mudaram o título. No Brasil, ele se chama **Primeiro de abril: narrativas na cadeia**. Ao mesmo tempo em que não há nada ali que não seja real, essas narrativas são ficcionalmente trabalhadas. Só que, na França, esse título não funcionaria. Então, a editora de lá me consultou. Perguntou se poderia dar o seguinte título ao meu livro: **Brasil, abril de 1964: a ditadura se instala**. Para eles, isso é muito mais forte.

* Releituras

Com a idade, ao mesmo tempo em que procura acompanhar o que está aparecendo, a gente relê muito mais. Eu, por exemplo, nesses últimos três, quatro anos, nem leio, nem releio, porque estou com um problema de visão. Tenho 70% das duas vistas comprometidas. Então, tenho que ter quem leia para mim. Tenho “relido” muitas coisas. Machado de Assis, por exemplo, não sei quantas vezes eu o li e reli e voltarei a reler. E, relendo Machado, de repente tu descobres coisas assim: “Puxa, já li esse cara três vezes e só agora me dei conta disso”. Então, a releitura, para um escritor e um leitor interessado, é muito importante. Tenho um amigo que faleceu aos 96 anos, e que sabia mais de Machado de Assis do que muitos críticos e estudiosos da sua obra. E ele sempre me dizia: “Salim, já li **Memórias póstumas de Brás Cubas** oito vezes e a cada vez me surpreende minha burrice, porque algum detalhe havia me passado despercebido”. Se um livro agüenta uma segunda, uma terceira, uma quarta releitura, é porque, na verdade, ele tem valor. Porque muitos livros nos decepcionam. A gente vai tentar relê-los e diz: “Puxa, da primeira vez este livro me marcou tanto, e agora não estou conseguindo ir além desta página”.

* Reescritas

Escrever é saber reescrever e cortar. Se eu fosse o Nelson Rodrigues, diria “cortar como quem corta na própria carne”. Porque a gente corta aquilo que vem de dentro de nós. Por outro lado, tenho comigo o seguinte: não mexo em um livro meu já publicado, a não ser em alguns detalhes. Não reescrevo livro publicado. O Josué Montello, por exemplo, deixou uma montanha de livros. Publicou quase 150 títulos. Um dos primeiros livros dele, **A luz da estrela morta**, é dos anos 50, e, nos 80, foi publicada uma segunda edição. E ele reescreveu absolutamente tudo. Então, era para ter feito um novo livro. No meu caso, fico insatisfeito com algumas coisas quando as releio, mas não costumo mexer naquilo que já está publicado.

* Livros ditados

A Eglê lê muito para mim, mas temos interesses comuns e interesses divergentes. Ela é muito mais abrangente e tem muito mais interesses, muito mais cultura que eu. Então, muitas vezes, os interesses dela e os meus não coincidem. Durante três anos, tive um estudante de ciências sociais que lia para mim. Eu pagava para ele e, duas vezes por semana, ele ia ler em voz alta para mim. E me ajudava a escrever também. Chamava-se Tarso da Silva — lembro do nome porque é o nome do ministro Tarso Genro. Mas aí ele se formou e parou. Agora, quem está lendo para mim é o meu neto, Jorge Luiz. Ele estuda artes visuais na Universidade Estadual e artes cênicas na Universidade Federal. Fez vestibular para os dois, passou nos dois e está cursando os dois. Então, duas, três vezes por semana, ele lê para mim. Só que o rendimento com ele é muito menor do que era com o outro. Porque estou levantando muitas coisas antigas, documentos. E, com o outro, eu dizia: “Tarso, lê um pedacinho disso aqui. Se me interessar, vamos adiante, se não interessar vamos a outro”. Com o meu neto, não posso fazer isso. Ele diz: “Vô, mas eu estou interessado. Posso ler isso até o fim?”. Resultado: está indo. Outra coisa curiosa é a seguinte: trabalhei como chefe em algumas ocasiões e nunca consegui ditar uma carta para uma secretária.

Eu escrevia à mão ou à máquina e entregava o texto para elas fazerem direitinho. Não conseguia, tinha uma incapacidade total. Mas a necessidade nos faz rever as coisas. Hoje, meus dois, três últimos livros foram praticamente ditados. E, é claro, dito e a Eglê e eu nos pomos a reler e a discutir. “Pô, mas isso aqui tu podes fazer melhor”. Eu: “Eu não posso ir adiante”. Ela diz: “Pode, sim. Corta esse pedacinho aqui”. Quer dizer, a maioria das vezes acabo concordando com ela. Outras vezes, não.



* O Líbano e Santa Catarina

Santa Catarina é marcada basicamente pela colonização alemã e italiana. Primeiro, foram os açorianos e os portugueses. Tudo que existe em Florianópolis, hoje, é açoriano. Outro dia, cheguei a conversar com um homem que dizia que o milho, a mandioca, tudo era açoriano. Eu disse: “Qualquer dia, até o macarrão vai passar a ser açoriano”. Tudo passou a ser açoriano. Mas a marca maior em Santa Catarina é dos alemães e dos italianos. Como comecei a ser alfabetizado em árabe e alemão, isso deixou uma marca forte em mim. Tanto que, quando entrei na escola que ensinava português, já estava indo para os nove anos. No fim do ano, a professora bateu palmas, chamou a atenção dos alunos e disse: “Vejam só. O Salim chegou ontem aqui. Mal sabia algumas palavras de português, misturadas ao árabe e ao alemão. Hoje, ele fala, lê e escreve melhor do que vocês. E é turco! Vocês não têm vergonha?”. Me chamou lá para frente e me deu um tinteiro, presente que preservo até hoje. Desabei num choro ferrado. Não sei se pelo elogio ou se pelo “turco”. Meu pai sempre me dizia: “Não aceite que te chamem de turco”. Porque durante séculos o Império Otomano Turco havia dominado toda aquela região da Síria, do Líbano. Meu pai tinha duas marcas: uma contra os turcos, a outra contra os franceses. Porque depois da Guerra 14-18, os ingleses e franceses, muito bonzinhos, libertaram a Síria — que depois seria dividida em Síria e Líbano — dos otomanos. Mas a Síria virou um protetorado inglês, e o Líbano, um protetorado francês. Então, ficou do mesmo jeito. E eu desabei num choro que não conseguia parar. Até hoje, francamente, não sei se foi pelo elogio ou se foi pelo “turco”.



EGLÊ (E AS MUITAS EGLÊS)

Adriane Canan

ASSIM SERÁ MEU CANTO (1947)

*Eu quero que minhas palavras
Sejam o eco de outras mil vozes,
Que da minha boca saia um canto de união,
O que eu disser de suave
Terá o amor do que me foi negado,
O que eu cantar de lindo
É o que deverá ser conquistado.*

*Que o meu canto seja áspero e cruel,
Verdadeiro e leal,
Que ele seja gemido sublimado
E ódio construtor,
Que ele espelhe a história ciclópica
De um povo em luta,
De um povo em marcha
É o meu desejo, enfim.*

*Meu canto – canto de mocidade
Lira do povo,
Palavras do hoje e do amanhã.*

*(Do livro Manhã, de Eglê Malheiros. Cadernos Sul
II - Florianópolis, 1952)*



“De nascimento, Eglê da Costa Ávila Malheiros. Do casamento, Eglê Malheiros Miguel. Eglê Malheiros, nome literário”, conta Eglê em entrevista concedida nos anos 1990. Eglê: poeta, professora, tradutora, editora, roteirista, dramaturga, a primeira mulher a se formar em Direito em Santa Catarina, mãe de cinco filhos, militante comunista, avó, bisavó, companheira de Salim Miguel por muitas e muitas décadas, amiga, generosa e espalhadora de conhecimento. Eglê, a primeira leitora dos escritos de Salim (confidente e revisora cuidadosa). Eglê é muitas, e, em cada lugar que ocupou e ainda ocupa, reverbera a marca de sua profunda generosidade intelectual e de sua prática calcada no entendimento da necessidade de transformação do mundo. Foi assim conosco, equipe do documentário “Eglê” (2023). E foi assim desde que a conheci, no início dos anos 1990. É sua marca deixada em muitas, muitas pessoas.

Talvez devesse iniciar o texto contando quando foi que Eglê e Salim Miguel se conheceram, mas, pelo que eles disseram em entrevista ao documentário “Salim Miguel na intimidade - Maktub” (2004), de Zeca Pires, nenhum dos dois sabia exatamente. O que lembravam é que foi lá pelos anos 1940, quando uma turma de jovens que viviam em Florianópolis decidiu mudar os rumos das artes em Santa Catarina. Estavam lá os dois, Eglê e Salim, na origem do Círculo de Arte Moderna, o famoso Grupo Sul, atuante e protagonista na cultura catarinense entre os anos 1940 e 1950.



Eglê foi a única mulher a acompanhar todo o percurso do Grupo Sul. E sabe-se que, ainda muito jovem, aos 18 anos, já era a grandeza intelectual e política daquela turma que revolucionou Florianópolis e que, de lá, alcançou, mesmo sem tanta pretensão, como ela mesma conta, outros lugares do país e do mundo. Fizeram de tudo: peças de teatro, poesia, crônica, a Revista Sul, as Edições Sul, artes plásticas. Produziram um filme lá naquela ilha tão ao Sul.

Eglê sempre firme e ousada junto ao grupo que era composto praticamente só de homens. Lá no final dos anos 1950, escrevendo, em parceria com Salim Miguel, o roteiro do primeiro longa-metragem filmado em Santa Catarina (*O preço da ilusão*, de 1958), ela abria portas para nós, mulheres que hoje estamos fazendo cinema, dirigindo, roteirizado filmes aqui em Santa Catarina. Em 1952, aos 24 anos, pelas Edições Sul, um dos “braços” do Grupo Sul, Eglê publicou seu primeiro livro de poemas, *Manhã*.

Eglê completou 95 anos em 3 de julho de 2023. Vive em Brasília com a filha Sônia e está cercada também dos cuidados dos outros quatro filhos: Veet Vivarta, Antônio Carlos, Paulo Sérgio e Luis Felipe Miguel. Muitos netos e bisnetos. Uma família que cresceu acompanhando a trajetória de luta da mãe militante. A coerência política de Eglê não deixa margem para dúvidas: quase um século de luta pela democracia e a consciência da realidade que vivemos hoje no Brasil ainda muito potente. “Uma dose de história não faz mal a ninguém”, reflete ela em entrevista ao nosso documentário “Eglê” (Prêmio Catarinense de Cinema 2019/FCC/ANCINE/FSA), produção da Margot Filmes e coprodução da Lilás Filmes e Calêndula Filmes. O filme, junto ao Projeto Acervo Eglê, desenvolvido por Gabi Bresola e Leila Pessoa, da Ombu Produção, foi lançado em julho de 2023, no Museu da Escola Catarinense (MESCC), em Florianópolis, dentro das homenagens pelos seus 95 anos. Eglê recebeu nossa equipe, formada só por mulheres, em 2018 e 2021, com muita alegria e a mesma coerência que marca seu percurso.

Deu opiniões sobre o documentário, foi assistindo trechos durante a montagem e repercutiu seu olhar sobre o processo com a equipe. Mais uma vez, espalhou sua generosidade entre nós.

Eglê Malheiros tem uma história de muitas mudanças. Uma trajetória que atravessa quase um século da vida política, cultural e social do país, e que é também profundamente atravessada por tudo que aconteceu neste período histórico. Nasceu em Tubarão, no Sul catarinense, em 1928, mas logo em seguida a família mudou-se para Lages, na Serra. É a primeira de quatro irmãos. Em 1932, seu pai, Odílio Cunha Malheiros, advogado, diretor do jornal *A Defesa*, militante da então Aliança Liberal, foi assassinado por motivações políticas. No mesmo ano, a mãe de Eglê, Rita da Costa Ávila Malheiros, se transfere para Florianópolis com os quatro filhos pequenos.

Eglê cresceu em Florianópolis e desde muito menina desenvolveu o gosto pela leitura, pelo conhecimento nas várias áreas, pela militância. Estudou em Porto Alegre, em Joinville e começou a lecionar ainda muito jovem. Ao retornar a Florianópolis, com 18 anos, cursou a Faculdade de Direito de Santa Catarina e foi a primeira mulher a se formar em Direito no estado. Também aos 18 anos, ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB), espaço no qual já militava anteriormente e onde exerceu grande influência. Sua mãe, Rita, também era filiada ao PCB e chegou a ser candidata a deputada federal nas eleições de 1947.

Professora concursada do Instituto Estadual de Educação (na época, em 1948, então Instituto de Educação Dias Velho), lecionou História Geral, História do Brasil e História de Santa Catarina. Foi presa em Florianópolis por cerca de 50 dias em abril de 1964, logo após o golpe civil-militar, e impedida de continuar lecionando até 1979. Durante o percurso de pesquisa para o documentário “Eglê”, descobrimos muitos ex-alunos que nunca esqueceram aquela professora de história.

Entre 1965 e 1979, a família de Eglê Malheiros e Salim Miguel viveu no Rio de Janeiro, onde Eglê, além de mãe e dona de casa, cuidando dos cinco filhos, trabalhou como tradutora, roteirista de cinema e na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, da qual foi diretora-secretária. Foi, também, uma das editoras da revista *Ficção* (1976/79). Foi no Rio de Janeiro, nesta época, que fez o Mestrado em Comunicação na UFRJ. Em 1979, após a anistia, a família retorna a Florianópolis. Eglê retoma a atuação no magistério, no IEE, por mais dois anos, e se aposenta na sequência. Em 1986, é candidata a Deputada Constituinte pelo PCB.

Foi no início da década de 1990 que a conheci e comecei a acompanhar sua produção e pensamento. E fui descobrindo que aquela menina, que perdeu o pai muito cedo, gostava de escrever para crianças. *Desça, menino* (1985) e *Os meus fantasmas* (2002) nos contam um tanto do que ficou escondido na memória da criança órfã de pai e também da pequena revolucionária que desde muito jovem atuava “para mudar o mundo”.



Em *Vozes veladas* (1996), um texto dramático, ela mostra sua profunda admiração pelo poeta catarinense Cruz e Sousa. Além disso, Eglê possui inúmeras publicações em coletâneas e obras coletivas. Assinou uma coluna no *Diário Catarinense* durante diversos anos. Continuou participando ativamente da vida cultural, social e política em Santa Catarina, embora não mais filiada ao partido, mas posicionando-se sempre na coerência por uma sociedade digna e de direitos para todos.

Em sua residência, em Florianópolis, junto ao marido Salim Miguel, recebeu muitas e muitas pessoas que pesquisavam a trajetória do Grupo Sul, a sua própria história e os temas aos quais sempre dedicou a vida. Os traços de generosidade e coerência política são registros muito fortes de todas as pessoas que falam sobre Eglê Malheiros. Lembro que tomei alguns cafés com os dois em seu apartamento no bairro Carvoeira, no início dos anos 2010. Fazendo mestrado em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

e pesquisando adaptação literária para o cinema, sabia que precisava ouvir Eglê e Salim sobre o tema. Eglê me emprestou o original de sua dissertação, escrita na década de 1970. E o tema era o mesmo: adaptação literária para o cinema. Ela analisava a adaptação de “Fogo Morto”, de José Lins do Rego, que ela, Salim e Marcos Farias realizaram. Lembro de ir trêmula até a UFSC para fazer uma cópia daquele documento histórico, daquela dissertação. Assim é Eglê: uma mulher precursora e sem nenhum medo de socializar o conhecimento.

Eglê é muitas. E queremos que ela seja conhecida por muitas mais. Para nós, da equipe do documentário “Eglê”, na despedida da entrevista, em 2021, em Brasília, ela disse: “E não esqueçam que nós só existimos porque existem outras pessoas, iguais ou diferentes de nós”. Eglê é muitas. E nos inspira todos os dias a olhar o mundo pelos olhos da coletividade, da generosidade. Somos muitas.

Adriane Canan

Jornalista, diretora do documentário Eglê





UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

**INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E
INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS**

**Centro de Ciências Humanas
e da Educação**

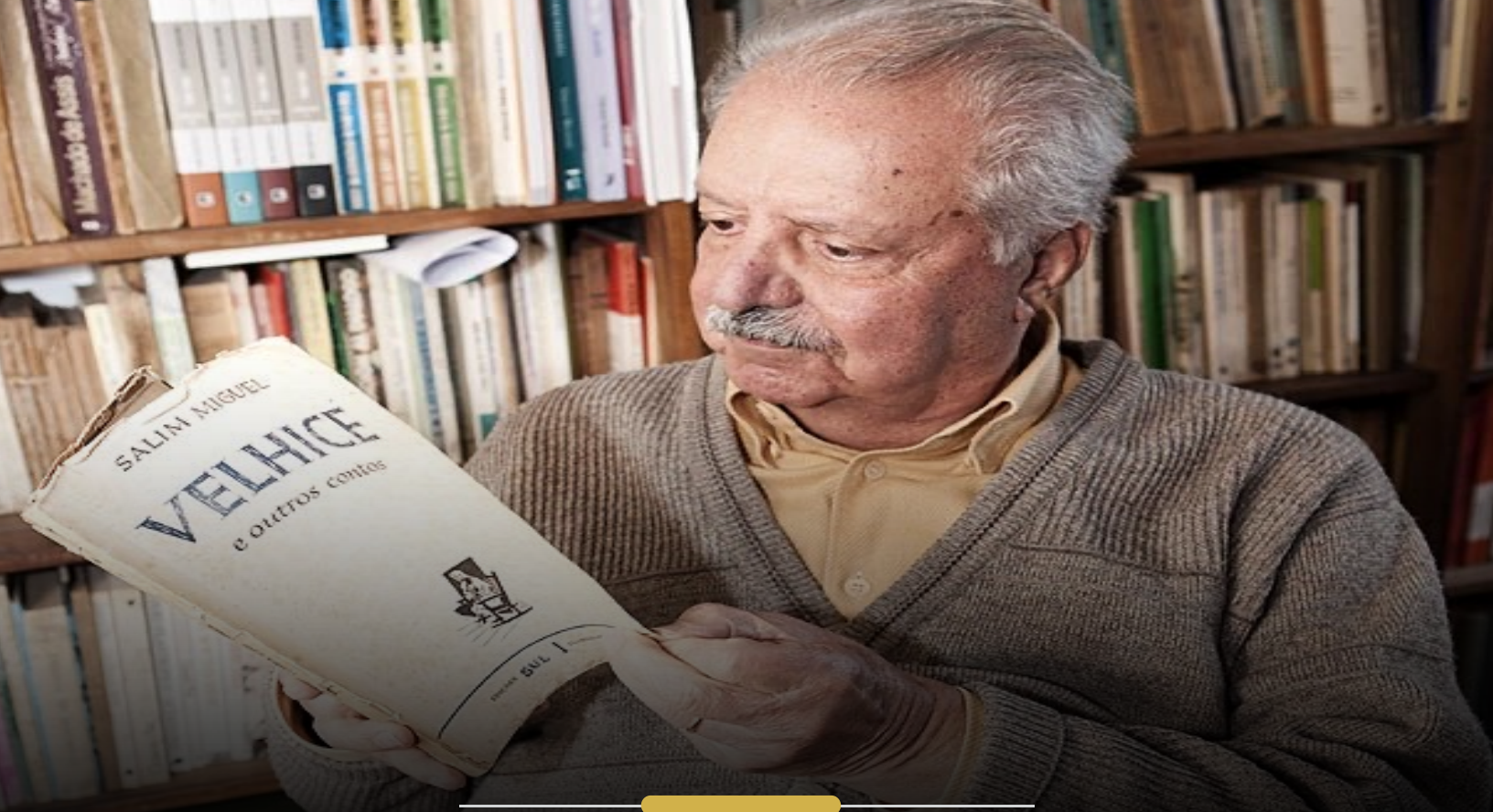
ESPAÇO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

*Algumas crônicas de
Salim Miguel
Volume: 3 – Jornal
Gazeta Mercantil*



Organização e digitalização:
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai Jordanou

Coordenação:
Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha



CRÔNICAS DE SALIM MIGUEL

A seguir, uma reprodução da crônica de Salim Miguel, “George, o primo de Washington”, escrita no jornal a *Gazeta Mercantil*, em 29 de maio de 1998. Na sequência, uma montagem de algumas crônicas da mesma época no referido jornal (volume 3).

“Reconexão com a família materna que foi interrompida com a morte precoce de Tamina Atiyeh, em 1956. Salim Miguel trocava cartas frequentemente com três ou quatro irmãos que chegaram antes de 1927 aos EUA. Só a partir de 1992, a família do Brasil foi à reunião na Pensilvânia e retomaram o contato com diferentes primos espalhados por EUA e Líbano.”

Antônio Carlos Miguel

CRÔNICA GEORGES: O PRIMO DE WASHINGTON

Salim Miguel (escrita em 1998)

Para esclarecer o título necessito recuar até a distante década de 20. E falar de minha família. O intento de meus pais era ir do Líbano para os Estados Unidos. Lá se encontravam irmãos de minha mãe. Mas, *maktub*, conforme gostava de repetir meu pai, imprevistos se interpuseram - e a família acabou no Brasil, onde ele tinha uma irmã. Dou um salto. Estamos na década de 40. Em Florianópolis. Escassos os contatos com os parentes. Lembro, de modo vago, cartas em inglês. E é em 1959 que tomo conhecimento do primo George. Em resposta a carta que meu pai lhe mandou, dizendo que eu gostaria de me corresponder com ele, melhorar meu inglês de colégio, quem sabe receber alguns livros, George declarava ter ficado feliz com as notícias, ia mandar uns livros (mandou), seria bom nos comunicarmos mais e, quem sabe, um dia nos conhecermos.

A correspondência não prosperou. Entre o desejo e a concretização existem imponderáveis. Os contatos só iriam se restabelecer em 1992, quando se realiza, em uma cidadezinha americana, encontro de descendentes da família de minha mãe.

Não tive condições de ir. Mas Lá estiveram minha Irma, um irmão, um filho meu. Não demora, George vem para o Brasil.

Afinal meu leitor, a que vem todo este introito. Explico. Vamos lá: nascido no Líbano (Amioun, onde também nasceu minha mãe), George N. Atiyeh formou-se na Universidade Americana de Beirute; a seguir foi para os Estados Unidos, fez seu Ph.D, em línguas e literaturas orientais na Universidade de Chicago (tese sobre Avincenas, ou Ibn Cena). Ficou pelo EUA, lecionou em Porto Rico, acabou chefiando a divisão da Biblioteca do Congresso para a África e o Oriente Médio.



Foto: arquivo familiar, 1955

Considerado uma das maiores autoridades em cultura árabe, dominando numerosos idiomas, professor e pesquisador, ampliou aquele setor da Biblioteca de 80.000 volumes, em 1967, para 250.000 nos dias atuais. Tendo como base semente por ele lançada, participou da fundação da Universidade de Balamand, no Líbano, no local onde existia um Seminário Islâmico. E lutou pela recuperação de quase dois mil documentos antiquíssimos, da maior importância, que estavam não só se deteriorando, mas sob ameaça de desaparecimento devido a guerra do Líbano. Tais documentos se encontram hoje no Setor Árabe da Biblioteca do Congresso, em Washington. Não se definiu, ainda, se ditos documentos ficarão por lá ou retornarão ao Líbano. Mas isto, como diria Kipling, é outra história. Voltaremos a George: de sua produção salientamos obras como “Ali-Kindi, the philosopher of arab”; Arab and American Culture”; “Arab Civilization – Challenges and Responses”; “Shukri al-khuri, the story of finyanus”, traduzindo do original árabe e com introdução dele. Fica-se assim sabendo que al-Khuri morou no Brasil, onde lançou o primeiro jornal árabe e teve importante papel na aproximação entre Brasil-Líbano.

Por tudo isto, e o mais que o espaço desta nossa conversa semanal não comporta, George N. Atiyeh recebeu, no dia 8 de maio, merecida homenagem, em Washington, (organizada pela Universidade de Balamand), a qual compareceram 350 personalidades, de vários países, entre elas os embaixadores do Líbano, da Síria, da Arábia Saudita,



Salim (à direita), reencontra em Florianópolis o primo Dr. George N. Atiyeh, mais Sayde Miguel (irmão de Salim), a senhora Daisy Atiyeh e Hend Miguel (irmã de Salim) / Arquivo familiar - julho de 1993

dos Emirados Árabes, de Marrocos, da Jordânia, autoridades do governo americano, professores. E, é claro, também do Brasil, minha irmã Hend, representando a família.

Sob a rubrica Focus e o título “A Leading Arab-American: Dr. George N. Atiyeh”, a revista ADC Times, de Julho /Agosto, 1992, pág, 10, conclui assim seu substancial artigo :“A Biblioteca do Congresso e o público americano se beneficiaram incomensuravelmente com os anos da administração do doutor Atiyeh. Por seu conhecimento e cuidado, a riqueza do mundo árabe e a literatura árabe-americana fundamental foram preservadas para as gerações futuras”.

Nesta crônica, que com seu vai-e-vem lembra, não sem justificativa, as “Mil e uma Noites “ sou obrigado a retornar, com George ao Brasil. Depois de visitar Rio de Janeiro e São Paulo, de manter contatos demoradamente com a Biblioteca Nacional e a da capital paulista ei-lo em Florianópolis. Aqui por igual, fez questão de conhecer a Biblioteca Pública do Estado e a Biblioteca Central da UFSC, visando abrir intercâmbio entre as instituições. Não é sem razão que o jornalista Ghada Khouri, em artigo, maio/junho 1998, em “The Washington Report of Midle East” , ao analisar a rica personalidade de George, fala de sua paixão por livros e bibliotecas.

Preciso concluir. Não posso, no entanto, fazê-lo sem uma referência pessoal. Dirão alguns: vaidade. Não é bem isto. É o relato de um fato paradigmático. Em uma das nossas conversas (em espanhol, que George e Daisy, a senhora dele, dominam bem, e num inglês que consigo captar, melhor com a ajuda da Eglê), me disse: “Na Biblioteca de São Paulo fui ao computador, puxei Salim Miguel. Encontrei dois livros teus”. Aí tirou do bolso e me entregou a lista de meus livros que se encontram na Biblioteca do Congresso, em Washington, dez.

Nada a acrescentar. Até a próxima semana.

Crônica de Salim Miguel, “George, o primo de Washington”, escrita na Gazeta Mercantil, 29 de maio de 1998.

CRÔNICAS

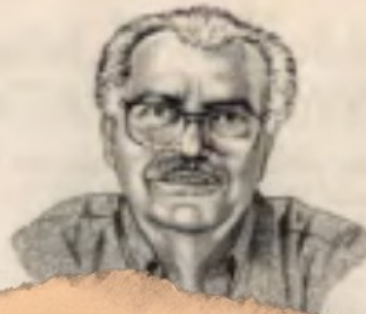
Mais biografias; agora, três governadores

Satim Miguel

Há pouco, em uma de nossas conversas, dizia eu que o gênero biografia está, quase sempre, em alta. Procurava me justificar com o fator curiosidade - e exemplificava com três títulos, entre dezenas de lançamentos recentes. Agora, outra vez, vou me debruçar sobre três obras que nos dizem mais de perto. São biografias de governadores catarinenses. Muitos os po-

Chegando aqui, fico em dúvida: devo falar do que nos livros se contém, do quadro que traçam; ou de meu conhecimento pessoal com cada uma daquelas personalidades?

Antes, vejamos: a de Aderbal é uma biografia clássica, que acompanha a trajetória do biografado do nascimento à morte e, dentro



Narrei o acontecido. E "Seu" Celso, naquele jeito característico: "tudo bem, compreendo, mas se caíde com os meus correligionários, existem verdades que não precisam ser ditas tão às claras". Ficou por isso, embora eu pense que o homem tenha pedido a minha cabeça.

Ivo Silveira, como governador era afável (é afável), de fácil trato. Raras vezes percebi-o tenso. Foi no final do governo, já

Mais biografias; agora, três governadores. Gazeta Mercantil, 19 de jun. de 1998.

mesmo partido político, foi extinto pelo regime militar, com a criação posterior, artificialmente, da ARENA e do MDB.

Os livros: "Celso Ramos, um perfil político", de Carlos Alberto Silveira Lenzi, Editora Terceiro Milênio, Florianópolis, 1997; "Ivo Silveira, um depoimento", de Moacir Pereira, Editora Insular, Florianópolis, 1998; "Doutor Deba, poder e generosidade", de Luiz Henrique Tancredo, Editora Insular, Florianópolis, 1998. Temos, como autores, dois jorna-

Tendo conhecido relativamente bem os três governadores, prefiro lembrar episódios.

Começo por Aderbal Ramos da Silva. Jovens iniciavam um movimento cultural que se tornaria conhecido como Grupo Sul. Claro que eram hostilizados pelos medalhões, como só pode acontecer entre gerações. Pois bem, Aderbal abriu as oficinas da Imprensa Oficial do Estado para eles, resistindo a pressões; logo depois viabilizou a vinda do escritor Marques

experiência pioneira num tempo que mal se iniciava no País. Celso Ramos, de início, relatava em aceitar a novidade; mais adiante viu que era importante o que se fazia, mostrou, de maneira objetiva, as realizações. "Seu" Celso, na sua aparente dureza, era afável, sem expansões. Um episódio revela sua maneira de ser. Estávamos em Lages. À noite, grupos conversavam. De repente, um madeireiro diz: "estou serrando tantas dúzias de madeira por mês..."; e eu: "tem replantado?"; e o homem: "replantar pra quê, se não vou poder cortar o que plantei?"; e eu: "estas

maior nomeado. Ivo deve ter enfrentado intrincados problemas de composição quando, eleito depois de uma campanha pesada, uma vez extintos os partidos políticos, ressentimentos ainda à flor da pele, foi obrigado a abrir espaço na administração para os adversários da véspera.

Com estes livros, e mais um que logo estará nas livrarias, tem-se subsídios para a melhor compreensão de meio século da história de Santa Catarina. O que está para sair tratará da vida de Jorge Lacenda, misto de médico, advogado, político, jornalista,

CRÔNICAS

Hoje, 100 anos de Garcia Lorca

Salm Miguel*

No transcurso do centenário de nascimento do poeta, o mundo volta a examinar a tragédia que o abateu, quando sua obra só tendia a crescer. Federico Garcia Lorca nasce (em 5 de junho de 1898), na Espanha, no mesmo ano em que morre, no Brasil, outro grande poeta: João da Cruz e Sousa.

Alguns pontos coincidentes existem entre eles: ambos morrem relativamente jovens, com menos de 40 anos, em pleno amadurecimento, da mesma maneira: Garcia Lorca fuzilado (19 agosto 1936), pelos fascistas de Franco, que logo dominaria o país, com mão de ferro, numa ditadura sangüinolenta que durou quase 50 anos; Cruz e Sousa na miséria, tuberculoso.

Mas se existem tais pontos na caminhada de ambos, há uma divergência básica: enquanto Cruz e Sousa luta a vida toda para escapar da miséria e se afirmar como artista e ser humano num mundo preconceituoso, Garcia Lorca, mal estréia logo é reconhecido - e ao ser brutalmente assassinado, deixa uma grande obra poética e dramática, e era, também, admirado dentro e fora de seu país.

Aliás, é bom assinalar, Garcia Lorca não foi, em sua época, na Espanha, um fato isolado. Entre seus contemporâneos estão nomes como Antonio



Salm Miguel

Cernuda, na poesia; Damaso Alonso, no ensaísmo; Pablo Picasso e Salvador Dalí, na pintura; Manuel de Falla, na música; Luiz Buñuel, no cinema. Isto para não falar em Margarita Xirgu, a primeira grande intérprete de suas peças. Bom lembrar o excepcional trabalho teatral de La Carreta.

Não apenas na Espanha rapidamente fez nome e se projetou. Seja em suas viagens pela Argentina, Uruguai, Cuba, Estados Unidos, seja pela edição de seus livros e apresentação de suas peças em outros países, em pouco seu nome se firmava como um dos mais representativos de sua geração. E sua trágica morte só fez aumentar esta aura, embora em sua pátria a ditadura tudo fizesse para que fosse esquecido.

Eu já havia lido alguns de seus poemas. Queria mais. De repente fui surpreendido com a chegada de sua obra completa, em oito volumes, publi-

sinato do poeta.

Explico: fins da década de 40 ou inícios de 50, eu havia estabelecido contato com o escritor português Antonio Simões Jr., que fora obrigado a se exilar na Argentina, fugido de seu país devido a outra ditadura, a de Salazar. O entrelaçamento entre pessoas se faz de modo estranho. Em 1948 o escritor Marques Rebelo estivera em Florianópolis, com uma exposição de arte contemporânea e para proferir algumas palestras. Antes de viajar nos deixara o endereço de um poeta (Manuel Pinto), em Portugal, e de outro (Augusto dos Santos Abranches), na África. Foi por intermédio de um deles, não recordo qual, que cheguei ao Antonio Simões Jr.

Passamos a nos corresponder e trocar livros. Forte o movimento editorial argentino, ele ia mandando o que surgia de literatura hispano-americana, não só novos autores; eu lhe mandava o que aparecia no Brasil, ou livros que ele solicitava. De Graciliano, entre outros. Menos Jorge Amado, já traduzido para o espanhol.

Não me recordo de ter pedido ao Simões livros de Garcia Lorca. Também não lhe pedi, por exemplo, Stendhal, embora tivesse falado de minha profunda admiração pelo escritor francês. E lá um dia me chega um volume encadernado com uma criteriosa seleção do autor de O vermelho e o negro. Logo depois, toda a obra de Lorca.

que por igual se iniciavam no maravilhoso caminho da leitura. Os textos não me bastaram. Escrevi ao Simões, pedindo algo sobre Garcia Lorca. Não demora recebi *Persona y creación, de Alfredo de la Guardia*; pouco depois, *El lenguaje poético de Garcia Lorca*, de Jaroslaw M. Flys; no Brasil, aparecia Garcia Lorca, de Edgar Cavalheiro. Incorporei outros. Porém, sem dúvida, o mais completo e substancial trabalho, até agora, é Garcia Lorca uma biografia, de Ian Gibson.

No Brasil, temos uma boa tradução. Obra poética completa, de William Agel de Mel Editora Martin Fontes/EdU 1987, onde o tradutor busca captar toda a sensibilidade nuançada fraseologia poética do autor de *Romancero gita*. Poeta en Nueva York. *Quim teatro*, existem numerosas traduções de quase todas as peças, que vêm sendo apresentadas pelo país afora. E é oportuno assinalar que, já em 1919 era encenada, em Florianópolis, A sapateira prodigiosa, direção de Sálvio de Oliveira.

Garcia Lorca foi assassinado entre Vézna e Alcafiat sua Granada, em 19 de agosto de 1936. Para Federico ser que ele disse por ocasião da morte do toureiro Sánchez gilas, em bellissimo poema: *dará mucho tiempo en nacer es que nace, um andaluz taurino, tan rico de aventura.*

"Hoje, 100 anos de Garcia Lorca", Gazeta Mercantil, 5 de jun 1998

CRÔNICAS

Seqüelas de uma prisão

Salim Miguel

Tento me debruçar sobre o acontecido, de forma racional. Não posso. Não consigo. Mesmo depois de ter deixado, por escrito, meu depoimento (*Primeiro de Abril – narrativas da cadeia*), me sinto traumatizado, a cicatrização não se completou. Um misto de tensão e ansiedade por vezes me domina. Surge de forma inexplicada. Gaguejo, o raciocínio me foge. Como agora. Preciso me acalmar, dizer-me que tudo passou. Só que tudo não passou. Depois de 34 anos, aqueles 48 dias permanecem, lá no mais fundo de mim, vermurando, intranquilizando. Difícil exorcisar o passado.

Fui preso no dia dois de abril de 1964. Até hoje não sei qual seria o momento mais angustiante: o da prisão, no Ponto Chic, centro de Florianópolis, pela manhã, quando tomava café com amigos; pouco depois, ao saber que também minha mulher havia sido presa, deixando sós em casa quatro filhos pequenos; ao sa-

mais era minha, embora continuasse sendo chamada "a livraria do Salim"; ao ser informado que meu contrato de trabalho com o governo do estado havia sido rescindido; ao ver o alojamento, no Quartel da Polícia Militar, Praça Getúlio Vargas, sendo abarrotado de figuras estranhas, provenientes dos mais variados pontos do território catarinense, cada qual com sua versão do acontecido; a madrugada de um dia qualquer de abril, ao ser retirado do alojamento por dois soldados, empurrado para dentro de um jipe que passou a circular pela cidade vazia tentando me desorientar, ao mesmo tempo em que eles iam falando, peça adrede ensaiada, como se eu estivesse ali ou não, até que, perto da ponte Hercílio Luz, um diz para o outro, "qual o impacto de um corpo atirado daqui no mar", e a resposta, "só atirando pra ver"; no instante em que, no refeitório, me preparando para jantar, entra um oficial e grita meu nome, desatento não ouço, ele repete, alguém me cutuca, "é contigo", penso no que

seus sumidos, embarcados em navios, levados não se sabia para onde, e minha desconfiança ao ouvir o oficial dizer, "prepara-te para ir embora", e eu, "deixa de troça, me deixa jantar em paz", e ele, "chegou do Rio telegrama mandando te soltar", e eu, "que soltar, estão é prendendo mais gente", e ele, "olha, está aqui"; ao me dirigir a pé para a casa de meu pai, ali perto, na Avenida Rio Branco, batendo na porta, entrando, o susto e a pergunta, "fugiste, é", e eu, "fugir como, me soltaram", ele incrédulo; a chegada em casa, no bairro da Agrônômica, choro e risos, todos abraçados me fazendo a mesma pergunta; na primeira caminhada pelas ruas da cidade perceber, de imediato, que Florianópolis jamais voltaria a ser a mesma, algo nocivo se infiltrara no tecido social, um receio latente permeava as relações até entre amigos íntimos e parentes, nítida divisão perpassando tudo e todos, medo e inquietação palpáveis, velhos amigos dobrando esquinas para não me

questão de ir ao mesmo Ponto Chic tomar um cafezinho comigo; ou seria a decisão pelo exílio interno tendo que deixar Florianópolis em busca de trabalho e para não voltar a ser preso?

Agora, quando o Estado busca minorar a dívida para com os presos, quando a comissão que deve examinar cada caso é nomeada, acredito que nada é capaz de resgatar a angústia daqueles intermináveis dias. Em cada um de nós deixou seqüelas diferentes. Podemos imaginar que absorvemos o pior, esquecemos o sucedido. Mas uma simples farsa faz tudo vir à tona.

De qualquer maneira, o decreto, aprovado pela Assembleia e sancionado pelo governador, por si só já tem uma função didática. Retrata a memória dos mais velhos, atingidos ou não pela ditadura; e leva à nova geração aquilo que não deve ser escamoteado de nossa história, para que não volte a ocorrer. Pode, hoje, até não estar presente no nosso dia-a-dia. Mas seus refle-

Seqüelas de uma prisão.

Gazeta Mercantil, 13 de abr. de 1998



À PROCURA DA TRILHA SONORA DE SALIM MIGUEL

Marcos Moussallem

“ Não quero viver de regras, não criem uma só canção para minha vida... eu quero é uma grande trilha sonora ”.

Muito já se falou sobre a relação entre a literatura e o cinema no romance *Nur na Escuridão* de Salim Miguel, e certamente esta narrativa possui códigos e símbolos visuais que remetem à sétima arte, por estarem presentes no enredo do relato, fornecendo-lhe visibilidade e mutabilidade.

O uso do expediente do cinema, como analepse (ou flash back, construção de narrativa, além de primeiro plano, grande plano e plano fechado, acabam dando outras dimensões para a história sob o ponto de vista do narrador. Dessa forma, o romance de Salim Miguel torna-se, ao mesmo tempo, poético, descritivo...e cinematográfico.

Levando-se em conta essa abordagem, não há dúvida alguma de que a literatura transmite as suas ideias para as outras artes, e também para a música. Assim, podemos encontrar músicas inspiradas em livros, uma vez que até mesmo frases de uma obra literária ou de uma narrativa influenciam músicos a compor uma canção; por outro lado, livros adaptados para o cinema, são invariavelmente sustentados por belíssimas trilhas sonoras.

Quanto às músicas motivadas por livros, sejam de poesia, contos ou romances, podemos citar alguns grupos e músicos estrangeiros e brasileiros, entre muitos, que compuseram suas canções inspirados em clássicos da literatura, quais sejam:

Estrangeiros:

David Bowie – 1984 | Livro: George Orwell – 1984 / Led Zeppelin – Ramble On | Livro: O Senhor dos Anéis / The Strokes – Soma | Livro: Aldous Huxley – Admirável Mundo Novo / The Kill – 30 Second to Mars | Livro: O Iluminado (Stephen King) / The Fool on the Hill – The Beatles | Livro: The History of Tom Jones, a Foundling (Henry Fielding) / “Misty Mountain Hop” – Led Zeppelin | Livro: O Hobbit/ Elton John – Rocket Man | Conto: The Rocket Man – Ray Bradbury/ Simon & Garfunkel – The sound of silence | Livro: Fahrenheit 451 (Ray Bradbury)/ The Police – Don’t Stand So Close To Me | Livro: Lolita – Vladimir Nabokov / Animals – álbum (Pink Floyd) | Livro: A revolução dos bichos – George Orwell / Who Wrote Holden Caulfield – Green Day | Livro: O apanhador no campo de centeio (J. D. Salinger) / The Rolling Stones – Sympathy For The Devil | Livro: O mestre e a margarida (Mikhail Bulgakov)/ Regina Spektor – Ghost of Corporate Future | Um Conto de Natal, de Charles Dickens.

Brasileiros:

Geni e o Zepelim (Chico Buarque) | Conto: Bola de Sebo (Guy de Maupassant)/ Alegre menina (Djavan) | Livro: Gabriela, Cravo e Canela (Jorge Amado)/ Epitáfio – Titãs | Poema: Instante, de Nadine Stair/ Caçador de mim (Milton Nascimento) | Livro: O apanhador no campo de centeio (J.D. Salinger) / Elegia (Caetano Veloso) | Poema: “Elegy: going to bed”, John Donne/ A revolta dos dândis (Engenheiros do Hawaii) | Livro: O homem revoltado (Albert Camus) / Amor é pra quem ama (Lenine) | Livro: Grande Sertão: Veredas (Guimarães Rosa)/ Um Messias Indeciso (Rau Seixas) | Livro: Ilusões – Richard Bach/ Não: não digas nada (Secos e Molhados) | Poesia de Fernando Pessoa: Não diga nada!/ Amor I Love You (Marisa Monte) | Livro: O primo Basílio (Eça de Queiroz)/ A Hora da estrela (Pato Fu) | Livro: A hora da estrela (Clarice Lispector) / Monte Castelo (Legião Urbana) | Os Lusíadas (Camões).

O próprio título *Nur na Escuridão* já é cinema puro. No livro, podemos observar a frase **“Nítida a cena”** em vários trechos, introduzindo com ela uma ação, descrição de ambiente, apresentação de personagens, “flash-backs”, tantos elementos cinematográficos que saltam aos olhos feito filme dentro de um filme, um narrador de si mesmo e de personagens, por vezes observador outras participante da ação, e a família que vai girando em torno dos relatos e angústias feito caleidoscópio de recordações. O genitor. A mãe. Os irmãos. Os filhos. Netos. O silêncio. A saudade. O querer voltar para o Líbano. O desejo de ser enterrado perto dos parentes. As ruas. As avenidas. O rádio. O cavaquinho...

Mas, qual seria a trilha sonora desse livro? A repostagem poderia ser a memória ou talvez a saudade? Pode ser...

Em *Nur na Escuridão*, Salim Miguel segue os movimentos de sua memória, misturando realidade e ficção, levando o leitor a um labirinto que permeia as reminiscências do passado, cheio de falésias e despenhadeiros, mas que, ao mesmo tempo, o afastam sempre do abismo do paradoxo.

Para isso, surgem algumas trilhas sonoras que podem se encaixar perfeitamente na narrativa. Assim, podemos evocar o compositor libanês de trilhas sonoras, Gabriel Yared, vencedor de Oscar pelo filme “O Paciente Inglês” (de 1996, dirigido por Anthony Minghella) onde ele diz: “Prefiro começar a compor antes da filmagem. Começo a pensar sobre a música logo após ler o roteiro e conversar com o diretor”.

Partindo dessa premissa, há alguns caminhos que nos dão dicas. Se olharmos pelo lado das saudades e da família, podemos ouvir ao longe canções libanesas e árabes de Feiruz, Wadih el Safi, Zaki Nassif, Oum Kalthoum ou Sabah, surgindo por entre as metáforas dos parágrafos; observando pelo lado da cidade do Rio de Janeiro, surgem a bossa nova, os sambas e os chorinhos por de trás dos verbos; e analisando o estado de Santa Catarina, podemos ouvir os longos bastões com seus variados ritmos e movimentos, trazendo com eles o “Tramadinho”, “Trenzinho”, “Zigue-Zague”, “Feiticeira” e “Rede de Pescador”, nas entrelinhas dos capítulos. E lembrando que o Salim gostava das composições de Sérgio Ricardo...

O livro de Salim Miguel tem todos esses sons e mais alguns. Mas, no final do último parágrafo da obra, ele finaliza e dá a maior dica para a sua trilha sonora: **“Terá cochilado? Vozes se alteiam, há um movimento incomum, chamam-no, desce, soluços e choros. Ao chegar ao último degrau da escada ouve a informação que o faz estacar, embora não lhe deva causar surpresa maior: o pai acabou de morrer.”**

A trilha sonora era a voz do pai.

Marcos Moussallem

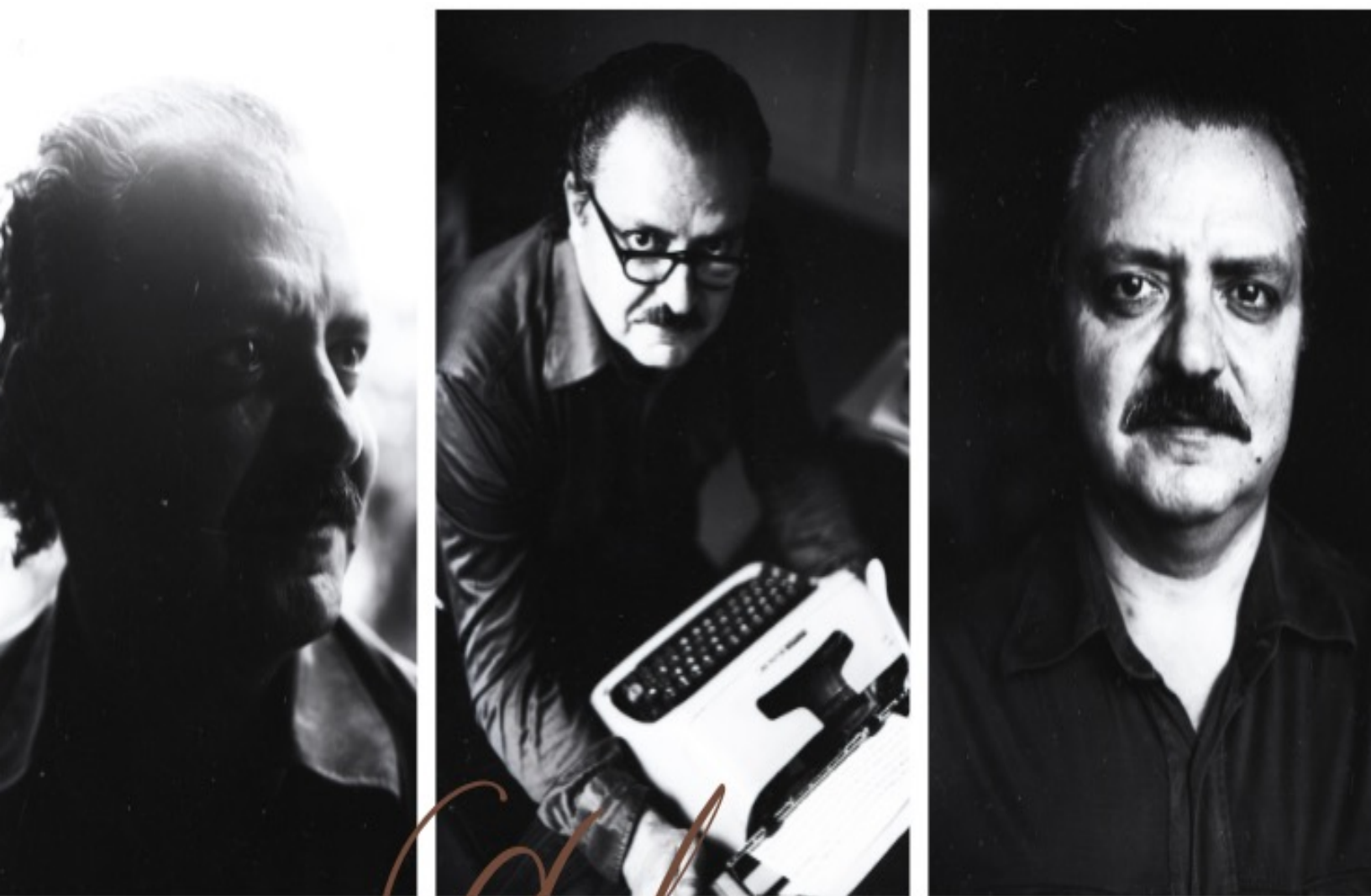
Chefe de Gabinete do Cônsul-Geral do Líbano RJ





GALERIA DE FOTOS
SALIM MIGUEL

Salim Miguel - 1978 (Fotos: Antonio Carlos Miguel)



Galeria

Com Egle, em 1958



Com o pai, José Miguel,
anos 1960



Fotos: Arquivo Familiar



Com José Saramago e (centro)
Paschoal Apóstolo Pitsica, em
Floranópolis, 1999,



com Jorge Amado-1970

Galeria

Galeria

Captura de tela: Salim Miguel, 1951



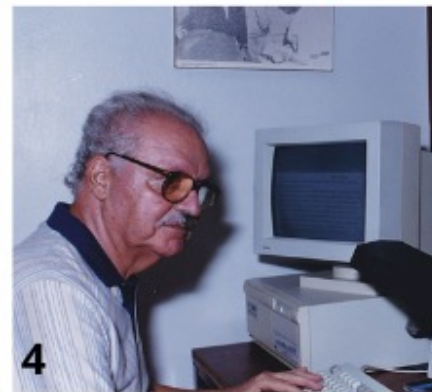
Com Egle, anos 1950



Capa da edição libanesa de
"Nur na escuridão", em 2013



fotos: Arquivo Familiar

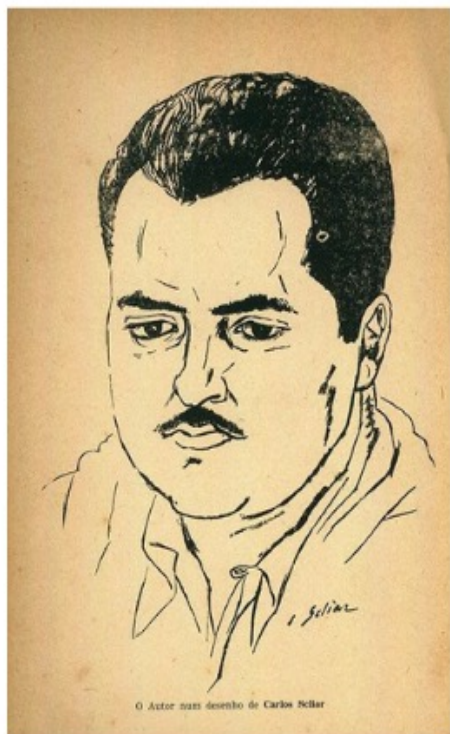


Galeria

fotos: Paulo Sérgio Miguel

1 - (1999) / 2 - (2011) / 3 - (1999) / 4 - (2000)

Galeria



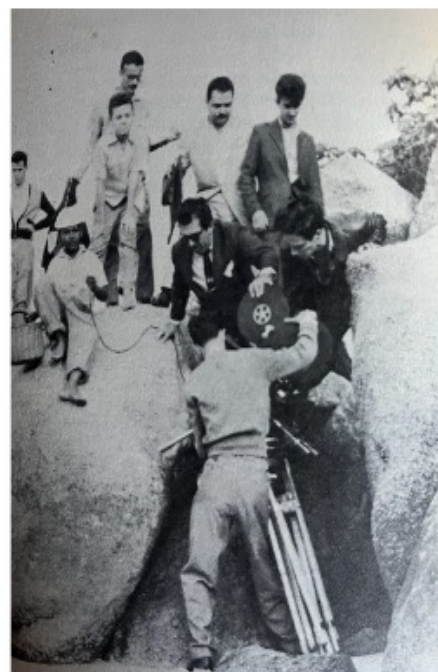
Retrato feito por Carlos Scliar e usado no livro "Rede", 1955



Com Tamina e José e seus irmãos: em pé, da esquerda para a direita, Samir, Saide, Hend, Samir (o menino no centro), Fádua, Salim e Jorge / Arquivo familiar



Salim Miguel com 15 anos
foto: Album familiar



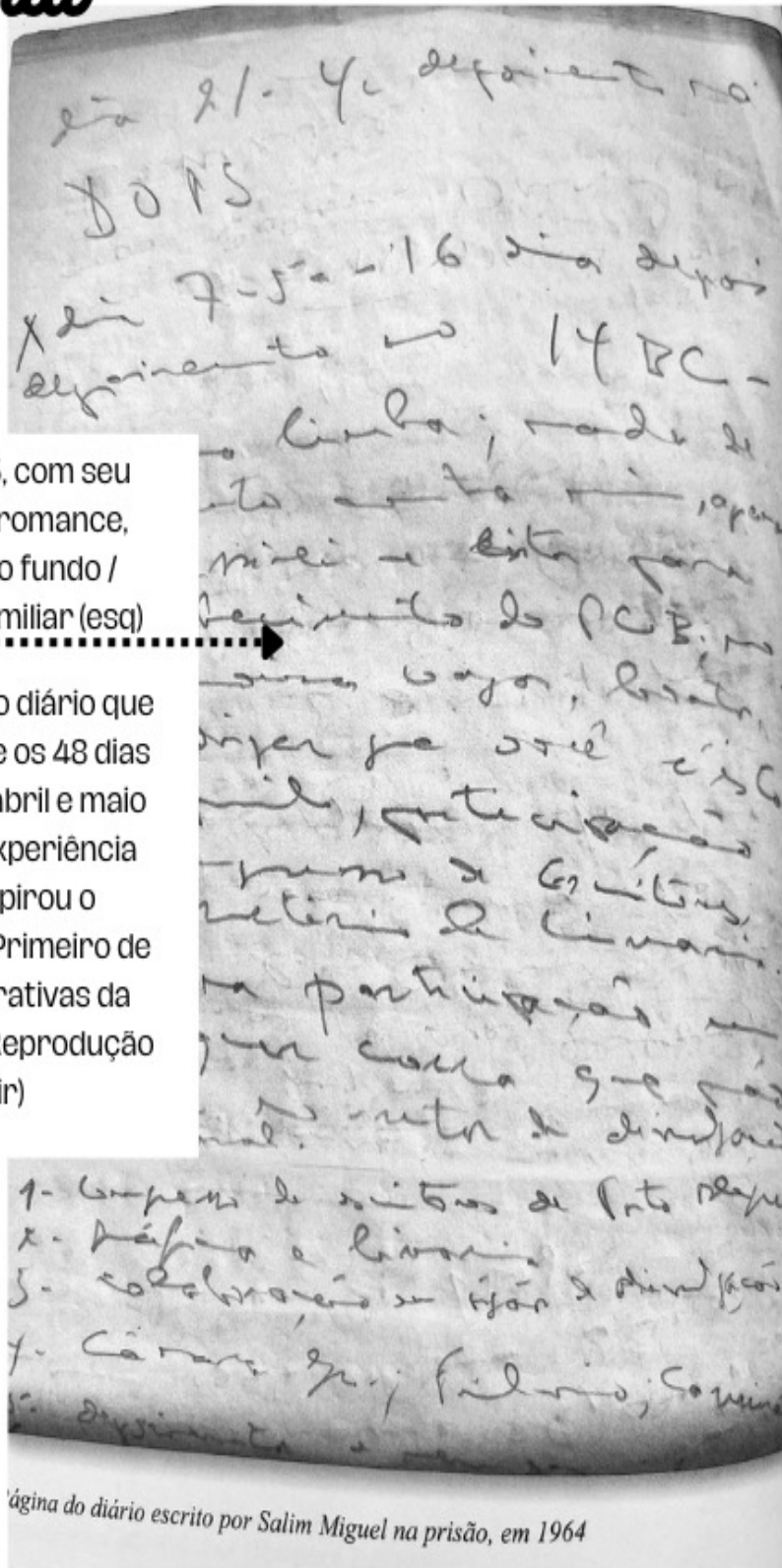
Durante as filmagens de "O preço da ilusão", em 1957, Salim no centro, no alto, bigode e paletó e camisa branca

Galeria



1- Em 1955, com seu primeiro romance, "Rede", ao fundo / Arquivo familiar (esq)

2- Página do diário que fez durante os 48 dias preso em abril e maio de 1964, experiência que inspirou o romance "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeira" / Reprodução (dir)



1- Capas de livros de foto reque
2- Página e livaria
3- Coleções de Hân a divi
4- Câmara; Filmes; Com
5- ...

Página do diário escrito por Salim Miguel na prisão, em 1964



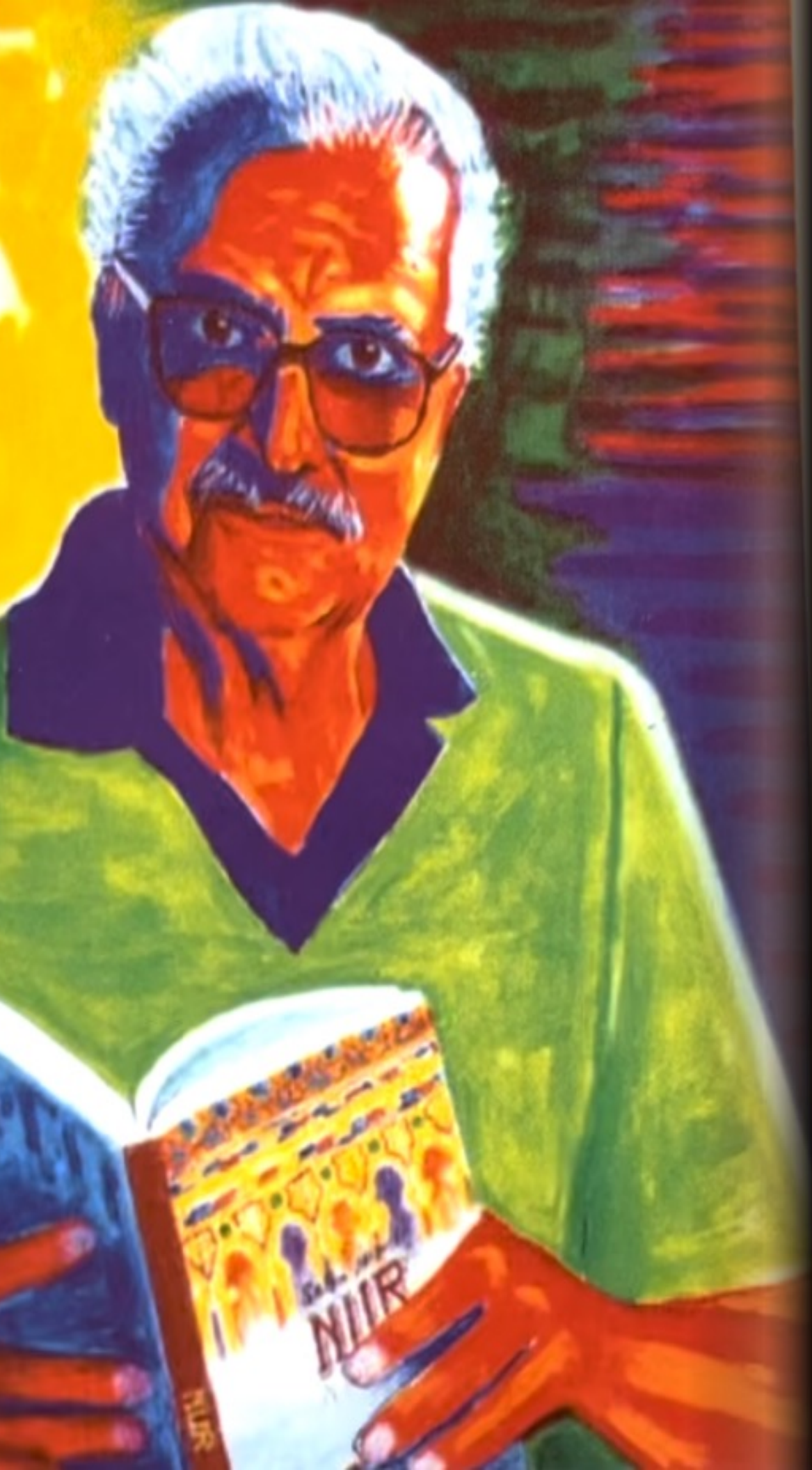
Aniversário de 88 anos, em janeiro de 2012
Foto/ Luis Felipe Miguel



Nos anos 1960, Arquivo Familiar

Galeria

QUADRO DE TÉRCIO GAMA - 2001



NUR NA ESCURIDÃO— UMA LUZ NA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL

Por Muna Omran

Resumo:

No centenário de nascimento do escritor Líbano-brasileiro Salim Miguel, o artigo analisa a história da imigração libanesa no Brasil a partir do romance *Nur na Escuridão*. A partir do personagem José Miguel, o pai, notamos os desafios e dilemas do personagem que ressoam com a experiência humana.

PALAVRAS-CHAVE: Oriente médio- Literatura Brasileira- Salim Miguel- Diáspora libanesa

Abstract:

On the centenary of the birth of the Lebanese-Brazilian writer Salim Miguel, the article analyzes the history of Lebanese immigration in Brazil based on the novel “Nur na Escuridão”. From the character José Miguel, the father, we notice the character's challenges and dilemmas that resonate with the human experience.

Key-words: Middle East – Brazilian Literature – Salim Miguel – Lebanese Diáspora

Introdução – Uma contextualização

Para os historiadores e estudiosos da cultura, as datas redondas sempre permitem muitas revisões e debates, neste ano de 2024, celebram-se o centenário da publicação do Manifesto da Poesia Pau-Brasil e o nascimento do escritor Líbano-brasileiro Salim Miguel. Oportunas datas para pensarmos a formação da nossa identidade, por um lado temos o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, divisor de águas do Modernismo, segundo o próprio autor, Oswald de Andrade, no qual articula o projeto da construção da

identidade da cultura brasileira. Nele, o *enfant-terrible* do Modernismo brasileiro direciona o movimento para um objetivo concreto.

Por meio da dessacralização da cultura imposta pela colonização, busca ainda a nacionalidade pela recuperação e valorização de nossas raízes étnicas híbridas: “A formação étnica rica. A riqueza vegetal. O minério. O vatapá, o ouro e a dança”. Assim, na obra de Oswald, inicia-se um processo de reflexão sobre o nacional. Já as comemorações do centenário de nascimento de Salim Miguel complementa reflexão sobre o nacional iniciada por Oswald de Andrade, mas contando com o elemento imigrante na compreensão de sua inserção e contribuição para a cultura brasileira. Portanto, neste artigo, para celebrarmos o centenário do escritor, refletiremos sobre o romance *Nur na Escuridão*, publicado em 1999, na medida em que este fornece o testemunho da assimilação e integração de uma família de imigrantes no Brasil.



A imigração árabe de sírios e libaneses no Brasil teve início no final do século XIX e início do século XX, e é um tema de grande relevância histórica e cultural. Estes imigrantes enfrentaram desafios significativos ao se estabelecerem em um país com uma cultura e língua diferentes. Milhares de famílias de libaneses desembarcaram no Brasil, a maior parte desses imigrantes eram cristãos, e somente no século XX, com a derrocada do Império Otomano (1918), a imigração de libaneses não cristãos (judeus e muçulmanos) passou a ser mais significativa. Os que aqui vieram, já na primeira etapa, que compreende os anos de 1880 a 1938, desembarcavam tanto no porto de Santos (São Paulo) quanto no porto do Rio de Janeiro, estabelecendo-se não só nas duas grandes cidades do país como partiam para Minas Gerais, Goiás, Amazonas e Sul do Brasil.

Esses imigrantes contribuíram não apenas para o crescimento econômico brasileiro, mas também chamaram a atenção para uma cultura distante da Europa, até então a grande referência para a formação do nosso cenário cultural. Quantos vieram? Não há como precisar um número, pois o censo nacional não permite o registro da identidade étnica, apenas a racial (PINTO, 2010). Porém, recentemente, a Câmara de Comércio Árabe Brasileira encomendou uma pesquisa ao Ibope Inteligência para se aproximar dos números dessa imigração, uma vez que em pesquisas empíricas os números poderiam variar de 3 a 16 milhões de descendentes. Chegou-se à conclusão que a população árabe no Brasil pode variar de 9,52 a 13,69 milhões de pessoas, o que corresponde a 6% da população brasileira. Não importando a precisão dos números, não há como negar, porém, que esta diáspora se destaca no cenário nacional, não apenas pela sua contribuição para a formação cultural, como já dito, mas também pela forte presença de seus descendentes na política e na literatura.

<https://anba.com.br/comunidade-arabe-e-6-da-populacao-brasileira-diz-pesquisa/>

Quando aqui chegavam, havia dificuldade para a classificação dos árabes no cenário nacional, na medida em que não havia uma característica identitária definida, não eram brancos europeus, nem asiáticos, muito menos negros, a identidade étnica-racial “tornava-se, desde então, uma marca constituinte da negociação da identidade árabe-brasileira definida.” (CURI, 2023, p.225). Como consequência da ausência desta identidade, teremos na literatura produzida no país por autores brasileiros, na qual a representação do imigrante se dava numa perspectiva orientalista, reforçando o olhar estereotipado sobre os árabes.

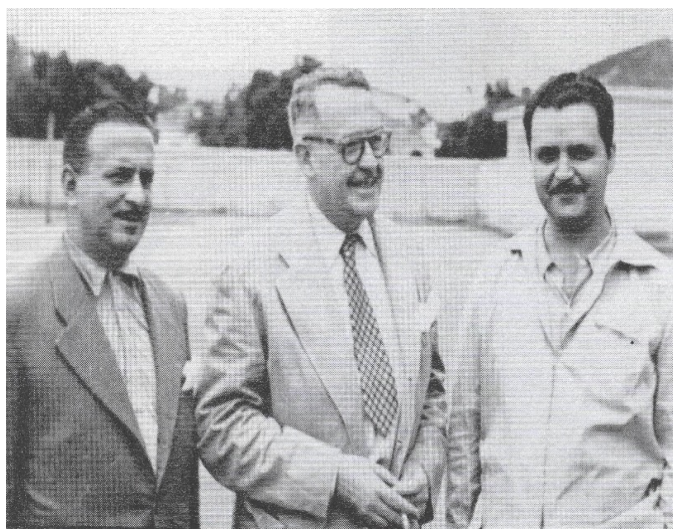
“(…) um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre o "o Oriente" e (a maior parte do tempo) "o Ocidente". Desse modo, uma enorme massa de escritores, entre os quais estão poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, aceitou a distinção básica entre Oriente e Ocidente como ponto de partida para elaboradas teorias, épicos, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, dos seus povos, costumes, "mente", destino e assim por diante.(…)”

SAID, 1990, p. 14.



Machado de Assis, o ícone da literatura brasileira, em sua representação destes imigrantes em suas crônicas, já esboça um “Orientalismo Tropical”, na medida em que a visão estereotipada do cotidiano desse imigrante não é apresentada de forma negativa, mas positiva e com o humor refinado de Machado. Exemplo seguido, no século XX, por autores como Jorge Amado e Oswald de Andrade. Haveria, portanto, uma mudança de perspectiva nesta representação, esta seria feita pelos autores descendentes da Diáspora e só viria a partir da segunda metade do século XX. Com a fixação dos imigrantes no Brasil e sua inserção em diferentes partes da vida cultural brasileira, o século XX colocaria os descendentes dos primeiros imigrantes, os “filhos da diáspora”, no protagonismo da produção literária brasileira, na medida que começam a produzir uma literatura em que há uma tomada de consciência de sua identidade, reproduzindo as angústias e os questionamentos vividos por aqueles que por muito tempo não eram vistos com singularidade.

Além de Salim Miguel, podemos destacar vários, mas lançamos nosso olhar apenas alguns. Raduan Nassar, em “Lavoura Arcaica” (1975) traz uma narrativa sob o ponto de vista do imigrante, narrativa que expõe a história da imigração e os conflitos existenciais que envolvem os diaspóricos e seus descendentes. Em 1989, Milton Hatoum publica, ao nosso entender, a obra-prima da



literatura brasileira contemporânea, “Relatos de um Certo Oriente”, o romance se destaca por sua poética narrativa, densidade temática e sua habilidade em retratar as complexidades das relações familiares, bem como as tensões sociais e culturais vividas pela família de libaneses estabelecida em Manaus. Hatoum habilmente tece uma narrativa que mistura passado e presente, revelando as intrincadas relações entre os membros da família. A história é contada através de múltiplas vozes, oferecendo uma perspectiva polifônica que enriquece a compreensão dos personagens e suas motivações.

O Líbano-brasileiro Salim Miguel, também um autor “filho da diáspora”, tem no romance “Nur, na Escuridão” (1999) a história da imigração árabe no Brasil através da inserção da família Miguel na sociedade, mas que poderia ser de qualquer outra família sírio-libanesa. Nascido no Líbano, no norte do Líbano, no vilarejo de Kfarsaroun, no distrito de Khoura, em 1924, Salim Miguel chegou junto a sua família ao Brasil aos três anos de idade. Foi um dos líderes do “Grupo Sul”, movimento artístico e literário que levou o modernismo para Santa Catarina, transformando o ambiente cultural local nas décadas de 1940 e 1950.

SAID, 1990, p. 14.

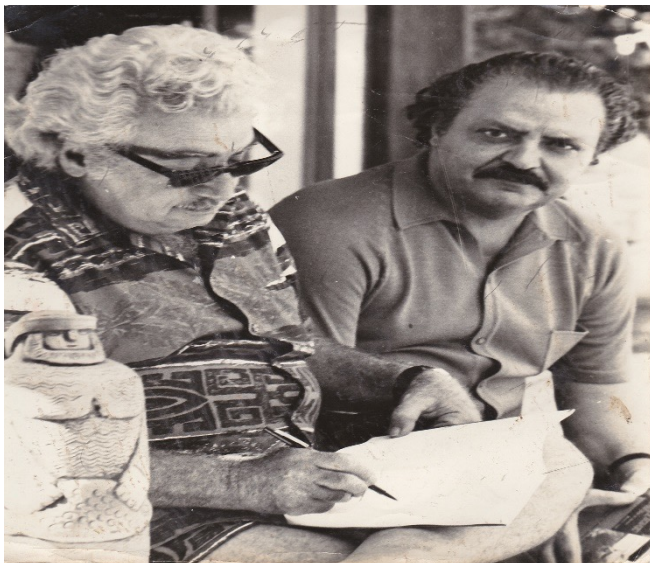
Crônicas publicadas no Jornal do Comércio entre os anos de 1876 e 1878.

Jorge Amado em toda sua obra romanesca sempre havia pelo menos um personagem árabe, já Oswald de Andrade terá em seu romance cíclico “Marco Zero”, o personagem Salim Abara. O mesmo autor, ainda, dedica um capítulo em seu romance “Serafim Ponte Grande”, à viagem que fez para o Oriente em 1926, apresentando um “orientalismo tropical” a partir de uma percepção carnalizada desta viagem. Ver artigo Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e o Oriente Médio, de Monique Sochaczewski e Muna Omran publicado na Revista Esboços, em 2023 - <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/90842/53523>

Além disso, atuou como jornalista, foi dono de livreria, um dos editores da revista literária Ficção no Rio de Janeiro. Ao lado de Cruz e Sousa e do escritor contemporâneo Godofredo de Oliveira Neto, é o mais importante escritor de Santa Catarina. De 1983 a 1996, ocupou cargos de chefia na Editora da UFSC e na fundação cultural de Florianópolis. Em 1999, o romance autobiográfico “Nur na Escuridão” ganha os prêmios de melhor romance da Associação Paulista de Críticos de Arte e da Nona Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Em 2009, Salim Miguel ganha o Prêmio Machado de Assis concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Yussef/José Miguel – Afinal, houve inserção?

Yussef/José Miguel, como personagem central, representa as lutas e triunfos enfrentados pelos imigrantes libaneses no Brasil. “Nur na escuridão” traz uma rica visão sobre a adaptação do imigrante libanês, especialmente através da trajetória do personagem principal, José Miguel ou Yussef Miguel, pai do autor. Sua trajetória oferece um vislumbre dos desafios de forjar uma nova vida em um ambiente desconhecido, o questionamento sobre se deveria ter imigrado, bem como as maneiras pelas quais a cultura libanesa se entrelaça e se transforma na realidade brasileira. Através de sua história, somos confrontados com questões de identidade, pertencimento e resiliência como também podemos compreender a história da imigração libanesa no Brasil.



O título do romance “Nur” significa luz em português, foi a primeira palavra aprendida por Yussef, a luz que ele procurava lançar para compreender toda a sua trajetória de vida, a luz que se enfraquece enquanto “o pai agoniza”, a luz que o narrador tenta manter acesa enquanto a mão do pai vai se soltando da mão do filho na derradeira despedida: “A mão do pai depreende-se da mão do filho, tomba mole.”

Na cena inicial do romance é retratada a chegada de sua família ao Cais do Porto do Rio de Janeiro na Praça Mauá, era o ano de 1927. A travessia do oceano durou um pouco mais de um mês, conforme o navio se afastava do porto de Beirute, Yussef Miguel começava a gravar em sua memória as últimas imagem de seu país, o Líbano, o Mar Mediterrâneo atuando, assim, como fronteira para a família, o fim e o início, “a água como lugar da vida e da memória”.(CHIARELLI, 2022,p. 7). A família Miguel era uma das inúmeras famílias que no Brasil aportavam durante a segunda onda migratória que foi entre as duas guerras mundiais: destinos como Austrália e Estados Unidos tornaram-se de difícil acesso para os imigrantes, por conta das cotas migratórias, estes começaram a imigrar para a América Latina. Entre 1920 e 1926, a instalação do Mandato Francês no Oriente Médio, causou grande instabilidade na região e como consequência a retomada do fluxo migratório que havia perdido força com a Primeira Guerra (Pinto, 2010).

O destino para as Américas era invariavelmente reorientado, fosse pela imposição de cotas migratórias por países como os EUA, fosse pelo atraso na emissão de vistos nos portos europeus para os árabes na medida em que, por exemplo, não havia representação diplomática brasileira nem no Líbano nem na Síria.

Miguel, Salim. 1999, p.254

Idem, p. 257.

Idem ibidem, p.56.

Op.cit. p. 57

No caso da família Miguel, o projeto inicial era a partida para os Estados Unidos, mas as cotas para os orientais se esgotara e decidiram então, entrar no país pelo México: "(...)Optam pelo Estados Unidos. Embora exista outro empecilho: a cota para orientais está esgotada. Terão que se aventurar. Entrar, como tantos, pelo México, de contrabando." . Porém, os planos teriam que mudar, pois Yussef apresentava uma infecção ocular, mesmo tratada não cedia, e o visto para o México fora negado definitivamente:

“Um dia Yussef chega em casa transtornado. Desaba numa banquetta, esconde o rosto entre as mãos. Tamina interrompe o que fazia, aproxima-se, preocupada. E ouve o que lhe é transmitido aos trancos: negado o visto para o México.”

Decidem então que o destino seria a América do Sul, Tamina assim decidira, afinal havia os irmãos de Yussef no Brasil e o pai dela na Argentina. Após mais de um mês de viagem, a exemplo de outros imigrantes desembarcavam no Rio de Janeiro e depois de tentativas frustradas de se estabelecerem no Rio de Janeiro, seguem para o sul do Brasil, para o estado de Santa Catarina; as cidades de São Pedro de Alcântara, Biguaçu e Florianópolis receberiam a família Miguel.

Ao longo do romance, podemos contemplar as mudanças profundas na vida do patriarca Yussef/José Miguel, e como ele navega entre as expectativas de sua cultura de origem e as demandas da sociedade brasileira. É uma jornada marcada por sucessos e fracassos, momentos de conflito e de integração, todos eles contribuindo para a compreensão mais profunda da experiência imigrante. Distante do Orientalismo presente nas obras produzidas por aqueles que não pertenciam à cultura oriental, a história dos árabes no Brasil é resgatada em “Nur na escuridão.”

O narrador revisita o passado desta família, que sem espaço para sobreviver em sua terra natal e com esperança de enriquecer na "América" parte para uma "nova pátria".

Neste momento a narrativa permite que se estabeleça uma relação com a história do cotidiano dos imigrantes árabes. Estes para serem aceitos no Brasil davam o primeiro passo ao se integrarem na sociedade local pela via econômica, mascateando pelo interior. Recorrendo à ideia de pioneirismo presente na figura histórica do bandeirante paulista, a participação cultural e econômica dos sírio-libaneses das grandes levadas migratórias foi legitimada pela sociedade brasileira que ao absorvê-los na sua cultura, proferia ao mascate árabe o título de "bandeirante oriental", e inicialmente forrando-lhes uma cidadania concebida pela sua contribuição econômica:

“A palavra mascate , por exemplo, tem um poder mágico, faz com que recue até a chegada a Magé. Esclarece, antes: pouco importa o que a pessoa tenha sido ou queira ser, pouco importam os sonhos, desejos, aspirações, fantasias. Ao chegar ao Brasil, libaneses e sírios, árabes em geral, começam mascateando, trouxas ao ombro, sorri e acrescenta, só bem mais tarde irão tomar conhecimento do outro significado da palavra trouxa.”

Op.cit. p.82



O segundo passo para a legitimação do imigrante no cenário nacional seria sua absorção e assimilação da cultura local. Sendo um país singular, a coexistência cultural entre brancos, negros e índios traçou um perfil particular na cultura brasileira, formando-se aqui uma estrutura culturalmente plural. Com isso, a aculturação ou assimilação dos imigrantes transcorria aparentemente pacífica e naturalmente, porém, nada impedia que um traço étnico da identidade dos imigrantes persistisse, por mais que estivessem integrados na "nova pátria." Como aconteceu com a maior parte dos imigrantes que vieram para o Brasil, a absorção e assimilação da cultura brasileira fora quase integral. No caso do patriarca da família Miguel, seu nome foi sendo alternado conforme assimilava os hábitos da nova terra.

“Ao longo do romance, várias alusões são feitas à maneira pela qual Yussef é chamado, traço identitário revelador da posição que seu interlocutor adota na relação. Assim, já no capítulo inicial, quando Yussef fala a outros libaneses na igreja ortodoxa do Rio de Janeiro, o narrador sublinha que seu nome pode variar: « E tu Yussef (ou José, dependendo do perguntador [...]) » (p. 21), « (na igreja o pai volta a ser Yussef) » (p. 23). É em São Pedro de Alcântara que começa a deformação de seu nome para o equivalente em língua portuguesa (Yussef/José – p. 98). Ao longo do tempo, os epítetos se multiplicam: seu José, seu Zé, seu Zé Miguel, seu Miguel, seu Zé Gringo, seu Zé Turco, Zé Turco. Até Tamina acaba por interpelá-lo de diferentes maneiras: Yussef, José, e por um nome híbrido, Yusé (p. 181). No entanto, quando ela está preocupada, é em sua língua materna que ela o chama: « (às vezes, entre eles, na intimidade, quando está preocupada, é Yussef) » (p. 123), « a mãe, mais prática, preocupada, costuma repetir: José, precisas cobrar [...] um horror as dificuldades, a fome, a miséria, onde vamos parar, Yussef? » (p. 125).

RASSIER, 2011, s.p

Op.cit. p.256

Mas, por outro lado, mesmo sofrendo as pressões para a total assimilação, mantinha-se preso às suas origens através do idioma árabe. Através dele expressaria integralmente seus sentimentos e seria ele sua forma de identificação étnica.

Na língua materna, encontraria o espaço ideal para realizar seu passado e manter firme sua identidade no presente:

“Mistura palavra de português e árabe, diz: quero ir pra minha *baít*, minha casa, pra minha terra/*maksuna*, por que a *tagarrada*, emigrar não melhora...se perde, cala um tempo, imagina estar em Biguaçu, quer falar com o primo Abrahão, com Joãozinho, pergunta se viram João Dedinho – e de repente eis uma única palavra que repetia, *garib*, repetindo-a para todos que vinha visita-lo nos últimos tempos, dizia para os filhos, para amigos e parentes, por mais que a pessoa lute por se adaptar, ela continua, mesmo sem querer, às vezes sentido-se estrangeira [grifo nosso], logo recua, envergonhado, não, *garib* como, se aqui é minha querida *maksuna*? Palavras soltas vão se espalhando, componho um insólito quadro pelo quarto do doente, pela sala, extravasam até se perder ao longe: *qaria*, *habib*, vive *maut*, *salam aleikun*, *luz/nur*, *kifak*, bem, *ab*, *ibn*, *filho*, *ahabba*, gostar sim, *dikra*, lembrança, meu *ab*, meu pai, *oms*, mãe prepara *labnia* de leite de cabra, me dá um *jar’á* , só mais um gole de *arak*.”

A riqueza de “Nur na escuridão” arrasta o leitor para uma reflexão sobre as relações entre imigrantes e a "nova pátria", lança um olhar crítico sobre o passado daqueles que acreditaram na prosperidade de um país totalmente adverso ao deles. Ao recorrer a um texto literário, como a narrativa de Salim Miguel, é possível reviver e compreender a história não só dos imigrantes árabes no Brasil, mas de todos aqueles que abandonaram seu país em busca de "nur" (luz) para sua sobrevivência.

Considerações finais

Muitas poderiam ser luzes de análise lançadas para compreender a inserção do imigrante árabe no Brasil e como se configura sua representação na literatura. No âmbito dos Estudos da Imigração no Brasil e tendo como motivação o centenário do escritor Salim Miguel, julgamos útil atentar para como procedeu a inserção do imigrante no Brasil.

O romance “Nur da Escuridão” de certa forma insere-se em uma linha para a reflexão acerca da produção literária dos “filhos da Diáspora” iniciada pela segunda geração de descendentes dos primeiros imigrantes bem como, em momento mais recente, compreender os desafios vividos pelas ondas de deslocados pelo mundo.

Do orientalismo europeu ao orientalismo tropical a representação foi sendo transformada na medida em que os filhos desta diáspora conquistavam espaços nos campos político, econômico e cultural do país. No âmbito da História e da Crítica Literária, atentamos para o romance em questão para que possamos compreender os encontros do Brasil com o Oriente Médio ao serem dadas múltiplas vozes para as narrativas que compõem o cenário literário nacional e o sentimento que afeta os imigrantes que voluntária ou involuntariamente deslocam-se para o exílio. Nesta análise, então, não poderíamos passar distante da reflexão de Edward Said sobre a experiência do exílio, vista por ele como complexa e multifacetada, como nos é apresentada a partir do personagem Yussef/José Miguel. As narrativas dos “filhos da diáspora” representadas aqui pelo romance de Salim Miguel desafiam as narrativas dominantes que tendem a reduzir o imigrante a uma figura sem voz, sem poder, ou ainda e talvez pior, estereotipada.

Em última análise, “ Nur na Escuridão” mergulha nas águas turbulentas da travessia da diáspora as questões identitárias, apresentando uma visão emocionante sobre a experiência humana. Salim Miguel se consolida como um dos principais escritores da literatura brasileira contemporânea, oferecendo uma narrativa rica e envolvente que merece atenção dos leitores que buscam uma reflexão profunda sobre as complexidades da vida e da identidade. Assim, em tempos em que os deslocamentos parecem ser o único meio para a preservação do humano e que paradoxalmente aumentam os muros para impedi-los, "Nur, na Escuridão", é convite para a refletir sobre as complexidades do processo de adaptação, e como isso impacta a identidade e experiência do imigrante seja ela em qualquer tempo.

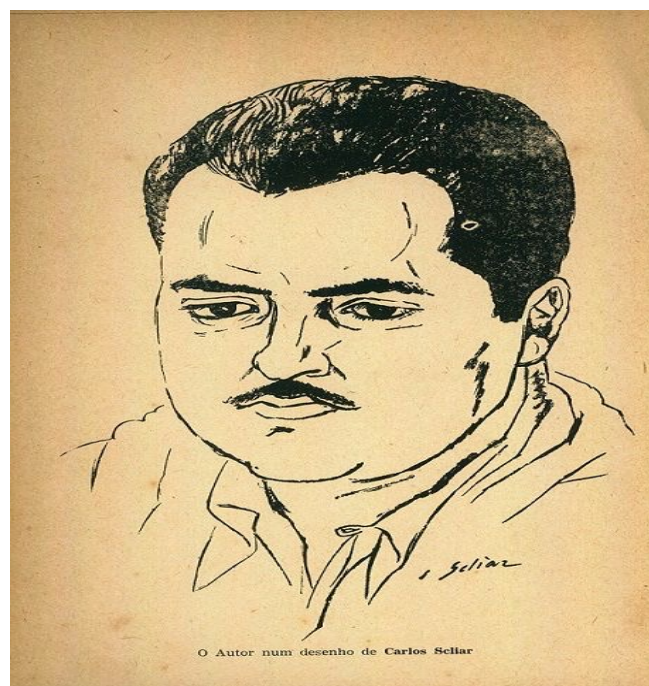
REFERÊNCIAS

- CURI, Guilherme. O Mahjar é aqui – A comunicação contra-hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros. Porto Alegre: PPGCOM- UFMG, 2023.
- CHIARELLI, Stefania e SARTINGEN, Kathrin. Histórias de água: O imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas. Viena: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag Der, 2023.
- MIGUEL, Salim, Nur na escuridão. 1. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999
- PINTO. Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Árabes no Rio de Janeiro- Uma identidade plural. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.
- RASSIER, Luciana Wrege. Salim Miguel, escritor do mundo. Revista Litteris, Brasil, n. 8, p.1-5, set. 2011, s.p
- SAID. Edward. Reflexões sobre o Exílio. Tradução Pedro Maia Soares. Companhia das Letras. 2003.
- _____. Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente. Tradução: Tomás Rosa Bueno. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Op.cit. p.82

Profa. Dra. Muna Omran-

Escritora, dramaturga, Doutorado em Teoria e História Literária pela Unicamp. Professora colaboradora do PPGL da UFF. Profa. Visitante PUC-PR.. Membro da Academia Líbano Brasileira de Letras, Artes e Ciência, cadeira número 25, patrono Salim Miguel.



ACADEMIA
LIBANO
BRASILEIRA
DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

KEARSAROUN

Koura- Líbano

(Vilarejo de Salim Miguel)

Texto: trechos do livro

Nur na Escuridão de Salim Miguel.

ALL 1 2 3 4
1 3 7 9 12 15 18 20

Group Mode CH
- +



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano

Salim Miguel é considerado, depois de Cruz e Sousa, o mais importante escritor de Santa Catarina e a principal personalidade cultural catarinense do século XX.

Além de escritor, era jornalista, crítico literário e editor. Ele nasceu na pequena aldeia de Kfarsaroun, região de Koura, norte do Líbano, em 1924, mas emigrou para o Brasil, junto com sua família, no ano de 1927, quando tinha apenas três anos de idade.

Dono de uma vasta obra literária, Salim foi outorgado pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio Machado de Assis (2009).

Um dos fundadores do Grupo Sul ao lado de sua companheira, Eglê Malheiros, Salim Miguel, completaria 100 anos em 2024.



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano

“Anoitece. Seis pessoas: três adultos, três crianças. Os adultos: faixa dos vinte anos. As crianças: a mais nova com menos de seis meses, o mais velho com pouco mais de três anos. Pai, mãe, tio, duas meninas, um menino. O dia: 18. O mês: maio. O ano: 1927. O local: cais do porto da Praça Mauá. O local: cais do porto da Praça Mauá. O estado: Rio de Janeiro. O país: Brasil.”

(trecho do Livro Nur na Escuridão)



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Casa da Família Hajj,
Kfarsaroun, Koura, Líbano

Por vezes, o que nos chega nem é memória vivida, é memória de outrem que se nos incorpora reconstituída – e passa a ser nossa. Simulacros apenas? Quem sabe!”

(trecho do Livro *Nur na Escuridão*)



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano

“O filho assiste às conversas, tem interesse em saber mais, embora se sinta constrangido quando reclamam, então veio do Líbano, começou aprendendo árabe e agora não entende uma frase do idioma de seus antepassados [...]. E fica pensando como tudo é estranho, me vejo e não me vejo aqui [...].”

(trecho do Livro *Nur na Escuridão*)



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano

“Por vezes sente-se alijado, um intruso, quando começam a conversar só em árabe. [...] Fica preso ao som, a todos os sons, que não lhe são alheios, procura captar o sentido de algumas palavras, mas o entendimento geral lhe foge, nunca consegue apreender as frases e o que significam, e se sabe que buka é choro, um choro que agora procura conter, segura o bolo na garganta, aquela iuhadditu lhe escapa por inteiro. O pai diz, é um teimoso, um cabeça-dura.”

*(trecho do Livro **Nur na Escuridão**)*



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano

“De novo o pai se cala. Olha para a rua, [...] a janela é, ao mesmo tempo, seu mundo atual e seu passado. Quer se situar, [...] quer que a rua passe a representar o porto, o pasmo, o impasse, o movimento, os carros são navios, o pai acaba de chegar, não, não está ali naquele início de noite, na Av. Rio Branco, 84, Florianópolis, mas outra, outra vez é o anoitecer no cais da Praça Mauá, é sempre o 18 de maio, é o mesmo ano de 1927, é a nova maksuna à qual terão que ir se adaptando, terra que precisarão aprender a amar, é o embate entre duas concepções de mundo, de vida”.

(trecho do Livro Nur na Escuridão)



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Residência da Família
Kafrouni, Kfarsaroun, Koura,
Líbano

“Unida [...] ali está aquela família postada indecisa, vinda de tão distante país – e o pai se interroga, de onde a coragem para tudo arriscarem – arriscarmos?”

*(trecho do Livro **Nur na Escuridão**)*



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Igreja de Santa Tacla,
Kfarsaroun, Koura, Líbano

“Nur, vocábulo árabe que compõe o título e significa luz, será a primeira palavra aprendida no novo País por Yussef: “palavra que jamais esqueceria e [que] lhe abre as portas do novo mundo.”

(trecho do Livro Nur na Escuridão)

Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

“(...) com pertinente monotonia, em busca de uma ilusória eficácia, [...] unir os fios, harmonicamente se possível”.

(trecho do Livro *Nur na Escuridão*)

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano





Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano

“Onde alguns que gostaríamos ignorar, desagradáveis ou sem significância maior, teimosos se entremostram, se ficam de forma perene?”

(trecho do Livro *Nur na Escuridão*)

Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

“Em dias certos, amigos vêm, nos finais da tarde ou à noite, conversar com o pai, jogar gamão, reviver o passado, um tanto de Brasil, mais do Líbano, raro o Líbano de hoje, falam da distante infância e da adolescência, que se tornaram mais próximos à medida em que a velhice chega, empunham cartas que acabaram de receber.”

(trecho do Livro *Nur na Escuridão*)

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano





Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Kfarsaroun, Koura, Líbano

“Mentira dizer que o tempo tudo apaga, é o melhor remédio.”

(trecho do Livro *Nur na Escuridão*)



Ensaio Fotográfico

Ghabi Hajj

Foto: Santo Mama (مار ماما),
Kfarsaroun, Koura, Líbano

“ibn, habib, é o ciclo da vida. O que querias, o que queriam vocês. Por Allah, que eu ficasse para semente, dahaba, partir, está na hora, chegou a hora, demorei demais em ir ao encontro de Tamina, do Samir, da Fádua...”

(trecho do Livro Nur na Escuridão)

À procura de sentimentos vividos

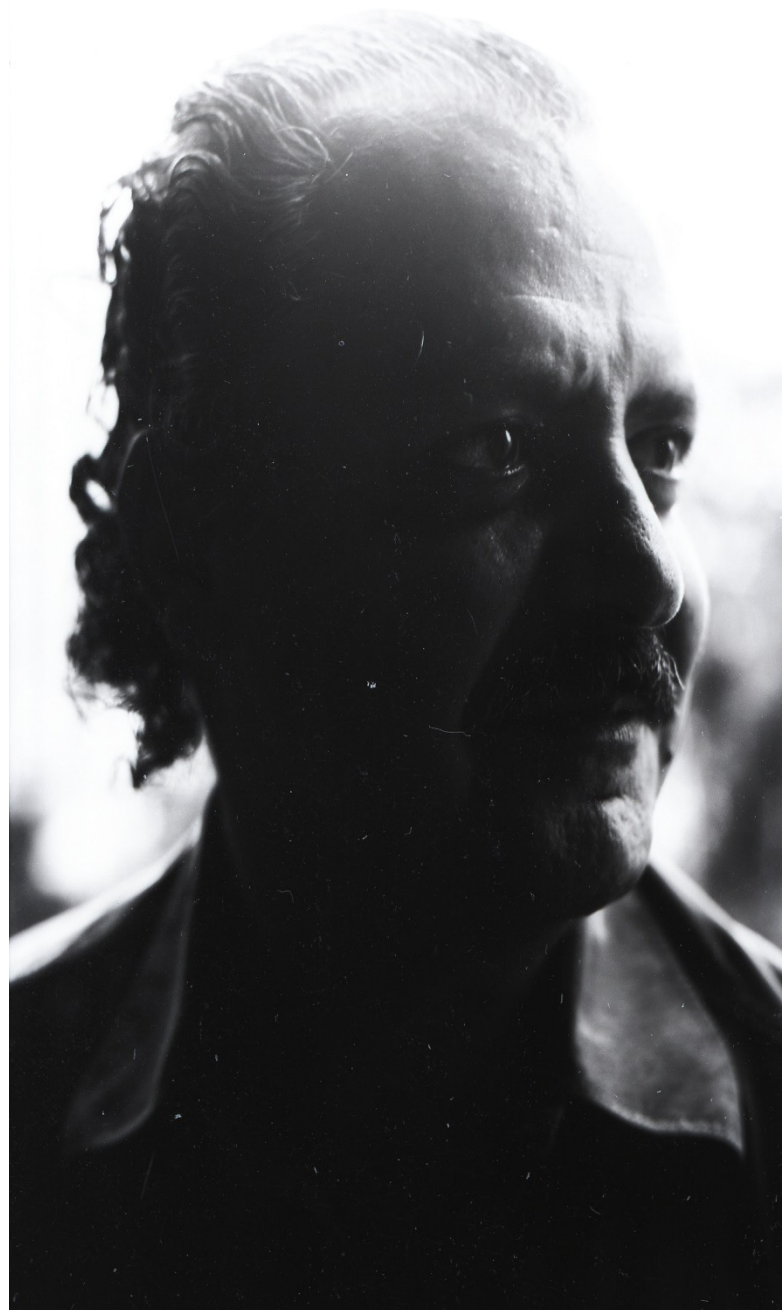
Antônio Carlos Miguel

**(segundo dos cinco filhos de Eglê e Salim,
é também jornalista, membro da Academia
Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências)**

A literatura, de alguma forma, atropelava a vida cotidiana. Desde que, por volta dos 10 anos, chegou a um acerto com o poeta cego que tocava a pequena e única livraria do então distante de Florianópolis município de Biguaçu. Como contou e recontou em livros e entrevistas, passou a ajudar no atendimento aos raros clientes e a ler para o livreiro, com direito de levar para a casa, e devolver depois de devorado, o título que quisesse.

Quando, nos últimos dez, 15 anos de vida, começou a perder a visão, pôde também ter quem lesse (e teclasse o que ditava) para ele. Como um ciclo se fechando. Lembro-me (ou me contaram?) de, em 2013, ao receber a tradução para o árabe publicada no Líbano de "Nur na escuridão" imediatamente manusear, levar o volume ao nariz e cafungar o cheiro da tinta no papel novo - como faz qualquer viciado em livros. Mas, independentemente da cegueira, então, aos 89 anos, aquele que fora seu primeiro alfabeto já tinha sido apagado da mente. Do árabe e do alemão que aprendera até os 8 anos, quando finalmente os pais se mudaram para um distrito de Biguaçu com escola brasileira, ficaram só os palavrões. Era o que costumava dizer, certamente, exagerando.

Outra boutade, a de ser incapaz de trocar uma lâmpada ou botar uma água para ferver, nos últimos tempos, vinha sendo corrigida. Passou a fazer a autocrítica: aquilo era a herança de uma cultura machista. E que imperava, ou impera, desde a antiguidade ao redor de quase todo o mundo dito civilizado.



Tempos e costumes mudam e ele soube aprender. Ainda mais tendo ao lado a companheira de toda a vida, primeira leitora e crítica, feminista desde sempre - entre tantas outras coisas, em 1971, Eglê fez a primeira tradução no Brasil de "A mulher eunuco", de Germaine Greer. Ela, a verdadeira autoridade na casa, proibida de lecionar História (após o Golpe de 64, foi colocada em "indisponibilidade", com salário congelado), continuou dividindo a inteligência e a cultura enciclopédica com os filhos, e qualquer dos muitos amigos que frequentavam o apartamento de três quartos no Rio. Mãe e pai tinham abandonado em suas adolescências, antes de se conhecerem, as religiões em que foram criados (ele, cristão ortodoxo, ela, católica). Crescemos sem acreditar em deuses (mas, em Papai Noel, comemorando Natal, Carnaval, Páscoa...). Sem batismo, mas, movidos por uma visão humanista, de respeito às diferenças e sonhando com um mundo melhor.

De volta ao pai. Herança ou não, tal inaptidão para as tarefas domésticas era reforçada por uma insana jornada de trabalho. Com a prisão do casal em abril de 1964, Florianópolis ficou inviável e foi trocada pelo Rio.

Com quatro filhos pequenos - e um quinto que chegou três anos depois da mudança -, ele saía de casa pouco depois da 8 e, após passar por duas redações, voltava beirando as 23 horas. Daí, quando tento lembrar os primeiros anos cariocas, a imagem do pai (ausente?) é quase sempre dele escondido atrás de um livro ou batucando na máquina de escrever. Fazer literatura nessas condições parece improvável. De certa forma foi. Após lançar o terceiro livro (e primeiro romance, "Rede"), em 1955, ficou 18 anos sem publicar novo título. Alguns contos aqui ou ali, muitos rascunhos jogados fora, e a dúvida de se realmente era talhado para aquilo.

Sem, no entanto, abandonar a obsessão e o prazer pela leitura. Naqueles anos 1960 e início dos 1970, depois de tantos Machado, Graciliano, Faulkner, Balzac, Pessoa, Kafka, Drummond, Joyce, Thomas Mann, Dostoiévski acumulados, acompanhava o que era produzido no Brasil (recordo-me, nos anos 1970, de seu entusiasmo por "Catatau", de Leminski) e aprofundava o mergulho nos latino-americanos, passando por Borges, Cortazar,

Quiroga, Cabrera Infante, Garcia Marquez, Vargas Llosa, Juan Rulfo. Sobre este, acabou em uma feira literária em Guadalajara, em 1988, dando uma palestra para os conterrâneos do autor mexicano que lançou apenas duas obras (fundamentais) em vida, "El llano en llamas" (1953) e "Pedro Páramo" (1955).

Passado o bloqueio, em 1973, voltou com o volume de contos "O primeiro gosto". E não mais parou de escrever, publicar e experimentar esse gosto. Gozo literário, poderia acrescentar, tentando interpretar a história de um autor que também é um personagem pra lá de intrigante.

Ao celebrar o centenário, quase sete anos após a partida, tentamos também recuperar e procurar um tempo perdido. Explicar o que não tem explicação. Poderia apelar para um paralelo muito distante, a amarga (e nunca enviada) carta ao pai de Kafka, na qual cobra muita coisa, alternando tratamentos nada carinhosos. Mas, além de desprovido de talento para algo no gênero, pouco teria a acrescentar à já mencionada e explicada ausência. No fim da adolescência, junto ao irmão um ano mais velho, embarquei na ilusão de um caminho alternativo ao da guerra fria entre os blocos capitalista e comunista. A salada da contracultura, que incluía a descoberta individual movida a maconha e as agora reabilitadas drogas psicodélicas, mais meditação, macrobiótica e o que mais surgisse. Nesse processo, tivemos algumas discussões. Muitas vezes encerradas com a saída estratégica de "pai burro, filhos inteligentes". Tanto tempo depois, no meu caso, inverteo a falsa verdade. Burro fui em não ter conversado e perguntado mais. Mas, acabei caindo na (muitas vezes dura) realidade e, desde então, pudemos conviver bastante. Algo que, de certa forma, ainda é possível agora. Tantas respostas, e outras perguntas, estão nos livros que deixou. Talvez difíceis, pesados para quem não tem o prazer da leitura, mas, com suas letras combinadas, formando palavras e frases e páginas também combinadas. Com a vida.

Antônio Carlos Miguel

Jornalista, membro da Academia

Líbano-Brasileira de Letras, Artes, e Ciências



Poemas para Salim

Samir Barghouti

O que é um intelectual? Qual sua função? Como ele pode manter uma relação de independência com o poder? O que é ser ou estar fora do lugar? O que é ser um refugiado, um exilado?

O século XIX foi o século do parlamento, foi o século dos debates dos projetos coletivos, utópicos ou não; ao contrário do século XX, que foi o século do poder executivo, o século da violência, das guerras (Primeira e Segunda Grandes Guerras), dos golpes militares, das ditaduras.

Há opiniões exaltadas que afirmam que toda a produção intelectual do século XX foi elaborada por exilados, perseguidos, refugiados e pelos “fora do lugar”. É neste contexto político conturbado que emerge a figura gigante de Salim Miguel. Salim é da linhagem dos fora do lugar, como Joseph Conrad, que em seu livro *Amy Foster* denunciou as agruras do exílio, como Kalil Gibran, como o alemão Adorno e como o palestino Edward Said. É nesta galeria de intelectuais, que vejo Salim.

Escolho esses dois poemas para homenagear Salim Miguel. Tanto no primeiro poema como no segundo, a figura do pai é central, como foi o pai de Salim Miguel em sua vida. O primeiro, do maior poeta libanês de todos os tempos, Said Akl. Akl nunca saiu do seu Líbano, era uma espécie de síndico intelectual do país. Não falava, rugia. Era um verdadeiro leão de Zahle. Por sua vez, Salim Miguel saiu do seu Líbano com apenas três anos de idade, mas o Líbano nunca saiu dele, um só dia.

O segundo poema é do poeta sírio Nizar Qabbani, um dos poetas mais declamados, cantados e recitados do mundo árabe. Um poema que denuncia todas as ditaduras, sejam elas de esquerda ou de direita, para que não esqueçamos que Salim Miguel foi uma das vítimas da ditadura de 64. Chama-se, “Uma aula de desenho”.

Viva a resistência! Viva Salim Miguel! Viva o Líbano! Viva o Brasil!

Samir Barghouti

Professor, membro da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências

POEMA PARA SALIM (1)- SAID AKL سعيد عقل

" وُلِدْتُ، سريري ضفةُ النهر، فالنهرُ/ تآخى وعُمري... مثلما الوردُ والشهْرُ/ وكان أبي
كالموج يهدُر، مرّةً/ يُدحرجُ من صخروأنا هو الصخرُ

من قصيدة سعيد عقل ، عندنا المجد

"Eu nasci...e meu leito era a margem do rio, e o rio? Acabou-se irmanando com minha vida, feito o mês de abril esperando a rosa que a floraria/ e do alto da nascente lá estava meu pai, feito onda que rugia; de vez em quando, vinha rolando das rochas, outras vezes, era ele a própria rocha e não sabia (...)"

Tradução livre de um Poema de Said Akl



POEMA PARA SALIM (2)

NIZAR QABANI - نزار قباني

LIÇÃO DE DESENHO

"Meu filho coloca à minha frente sua caixa de tintas E pede que eu lhe desenhe um pássaro...

Embebo o pincel na cor cinza, e desenho-lhe um quadrado com um cadeado... e barras;

Meu filho me diz, e o espanto preenche seus olhos: 'Mas isso é uma prisão...Meu pai, não sabes desenhar um pássaro?'

Digo-lhe: 'Meu filho... não me leves a mal De fato esqueci a forma dos pássaros'

Meu filho coloca à minha frente sua caixa de lápis, e pede que eu lhe desenhe um mar...

Apanho um lápis e lhe desenho um círculo negro...

Meu filho me diz: 'Mas isso é um círculo negro, meu pai...Não sabes desenhar um mar? Não sabes que o mar é azul?'

Digo-lhe: 'Meu filho, em meu tempo era perito em desenhar mares, quanto a hoje... Levaram meu anzol e o barco pesqueiro; Proibiram-me o diálogo com a cor azul e de fisgar o peixe da liberdade'

Meu filho coloca à minha frente um caderno e pede que eu lhe desenhe uma plantação de trigo.

Apanho a caneta e desenho-lhe um revólver. Meu filho debocha de minha ignorância nas artes plásticas e diz surpreso: 'Não conheces a diferença entre o trigo e o revólver?'



Digo-lhe: 'Meu filho, no passado conhecia a forma do trigo, do pão e da rosa. Mas neste tempo metálico, em que as árvores da floresta se uniram aos homens das milícias, e em que a rosa passou a vestir roupas camufladas; no tempo das espigas armadas, dos pássaros armados, da cultura armada e da religião armada...Não há pão que eu compre, que não contenha um revólver; não há flor que eu colha no campo que não aponte um revólver para minha face; não há livro que eu compre que não venha a explodir entre meus dedos...'

Meu filho senta-se na borda da cama e pede que eu lhe recite um poema.

Uma lágrima minha cai no travesseiro; ele a apanha perplexo e diz:'Mas isso é uma lágrima, meu pai, não um poema'

Digo-lhe: 'Quando cresceres, meu filho e leres uma antologia de poesia árabe, saberás que a palavra e a lágrima são irmãs, e que a poesia árabe nada mais é do que uma lágrima que emerge dentre os dedos'

Meu filho coloca à minha frente suas canetas e sua caixa de tintas e pede que eu lhe desenhe uma pátria.

O pincel estremece em minha mão...E caio chorando...«

“Uma aula de desenho” - درس في الرسم Poema de Nizar Qabani, tradução Paulo Farah



درس في الرسم نزار قباني

أقول يا ولدي..
كنت أعرف في الماضي شكل السنبله
وشكل الرغيف
وشكل الورد..
الذي انضمت فيه أشجار الغابة
إلى رجال الميليشيات
وأصبحت فيه الوردة تلبس الملابس المرقطه..
في زمن السنابل المسلحه
والعصافير المسلحه
والديانة المسلحه..
فلا رغيف أشتريه..
إلا وأجد في داخله مسدساً
ولا وردةً أقطفها من الحقل
إلا وترفع سلاحها في وجهي
ولا كتاب أشتريه من المكتبه
إلا وينفجر بين أصابعي...

يجلس إبني على طرف سريري
ويطلب مني أن أسمع قصيده
تسقط مني دمعةً على الوساده
فيلتقطها مدهولاً.. ويقول:
" ولكن هذه دمعة ، يا أبي ، وليست قصيده".
أقول له:

عندما تكبر يا ولدي..
وتقرأ ديوان الشعر العربي
سوف تعرف أن الكلمة والدمعة شقيقتان
وأن القصيدة العربيه..
ليست سوى دمعةٍ تخرج من بين الأصابع..

يضع إبني أقلامه ، وعلبة ألوانه أمامي
ويطلب مني أن أرسم له وطناً..
تهتز الفرشاة في يدي..
وأسقط باكياً..

يضع إبني ألوانه أمامي
ويطلب مني أن أرسم له عصفوراً..
أعط الفرشاة باللون الرمادي
وأرسم له مربعاً عليه قفلٌ.. وقضبان
يقول لي إبني، والدهشة تملأ عينيه:
" .. ولكن هذا سجنٌ.."
ألا تعرف ، يا أبي ، كيف ترسم عصفوراً؟"
أقول له: يا ولدي.. لا تؤاخذني
فقد نسيت شكل العصافير...

2

يضع إبني علبة أقلامه أمامي
ويطلب مني أن أرسم له بحراً..
أخذ قلم الرصاص،
وأرسم له دائرةً سوداء..
يقول لي إبني:
"ولكن هذه دائرة سوداء، يا أبي.."
ألا تعرف أن ترسم بحراً؟
ثم ألا تعرف أن لون البحر أزرق؟"
أقول له: يا ولدي..
كنت في زماني شاطراً في رسم البحار
أما اليوم.. فقد أخذوا مني الصنارة
وقارب الصيد..
ومنعوني من الحوار مع اللون الأزرق..
واصطياد سمك الحرية.

يضع إبني كراسة الرسم أمامي..
ويطلب مني أن أرسم له سنبله قمح.
أمسك القلم..
وأرسم له مسدساً..

يسخر إبني من جهلي في فن الرسم
ويقول مستغرباً:

أما في هذا الزمن المعدنياً لا تعرف يا أبي الفرق بين السنبله
.. والمسدس؟

Memórias de exílios no Rio- algumas palavras, à guisa de apresentação do livro inacabado

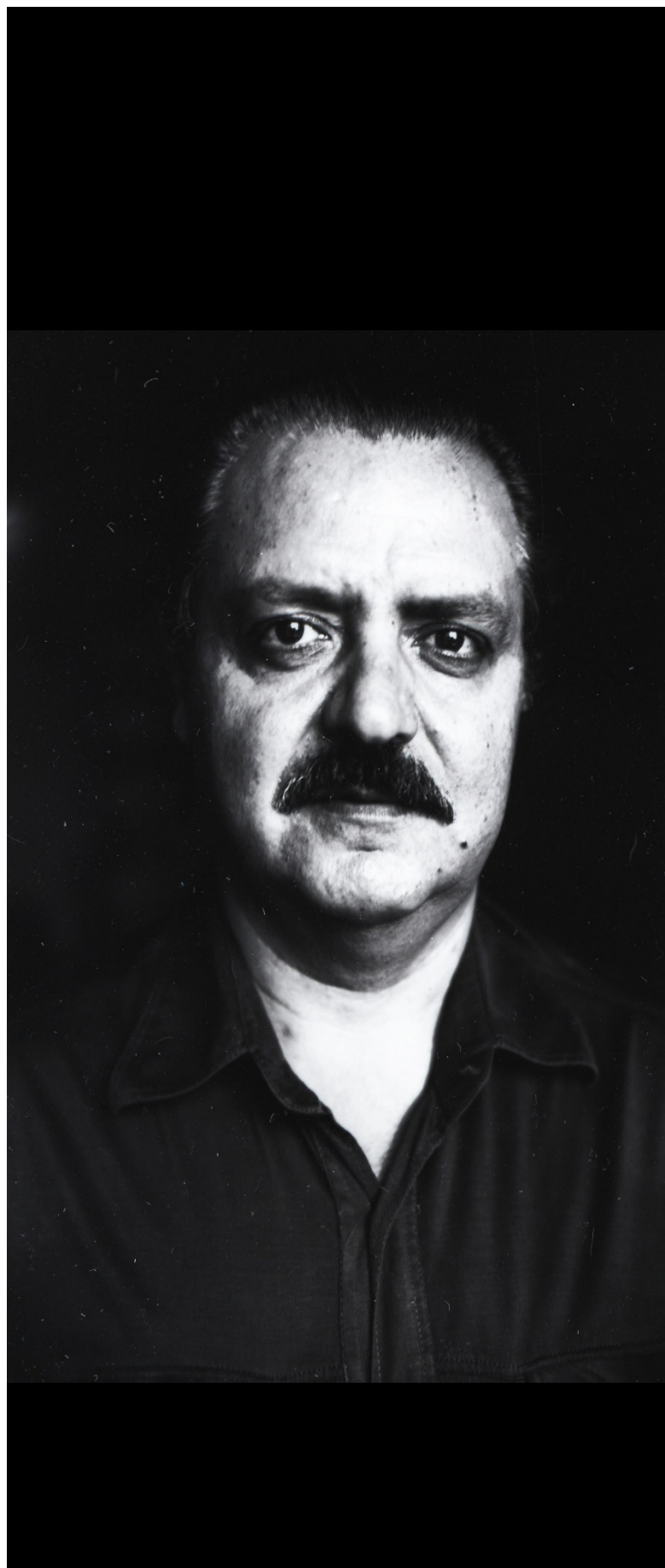
Jorge Luiz
neto de Salim Miguel

**“Convence-te de que a cidade mudou, as “
pessoas estão diferentes, cuidado com as
conversas na rua.”**

**Eglê a Salim em "Primeiro de Abril – Narrativas da
Cadeia"**

“Memórias de um exílio no Rio” é o título provisório que ouvi várias vezes de meu avô, enquanto falava de seu livro em andamento. Ele o batizou, ainda provisoriamente, como “Viver a vida – narrativas de um exílio no Rio”. Essas narrativas ou memórias de um exílio transcorrido no Rio de Janeiro abrangeriam o período em que ele, minha avó Eglê Malheiros e os filhos do casal moraram na cidade maravilhosa, de fevereiro de 1965 a janeiro de 1979. Interrompida por seu acidente vascular cerebral, em fevereiro de 2012, a redação do livro não seria retomada.

Como neto e frequentador da casa de meus avós, enquanto tios e primos moravam todos em outras cidades do Brasil ou do exterior – uma pequena diáspora centrada em Brasília, aonde três filhos deles foram morar, com um filho no Rio de Janeiro e seus netos nestas cidades, mas também no Canadá e na Alemanha (além de um neto que fixou residência temporária em lugares como Rio Branco, no Acre e Belém do Pará) – eu, Jorge Luiz, tinha um acesso especial ao que ele vinha fazendo. Era o único neto morador da Grande Florianópolis, filho único do filho que morava próximo aos pais. Por isso, pude ouvir várias vezes de meu avô – que adorava falar, fosse com quem fosse, sobre seus livros e artigos e contos em andamento – a notícia de que vinha escrevendo sobre o exílio carioca. Graças a meu pai, Paulo Sérgio Miguel, esse texto inacabado e ainda não publicado foi preservado no espólio do meu avô.



As “narrativas de um exílio no Rio” foram concebidas para serem a continuação de “Primeiro de Abril – Narrativas da Cadeia”, publicado em 1994, por ocasião dos trinta anos do golpe. Neste livro Salim Miguel partiu das suas memórias e das de minha avó, assim como de anotações feitas no calor da hora, para reelaborar literariamente a história de sua própria prisão e da prisão dela, ocorridas durante os meses de abril e maio de 1964. Da ideia inicial do novo livro foram completados 11 capítulos curtos, partindo de onde “Primeiro de Abril” tinha parado e interrompendo-se num décimo segundo capítulo do qual ficou apenas o título: “Edson Luís”. Ora, esse seria justamente o capítulo destinado a contar a história da comoção provocada pelo assassinato de Edson Luís de Lima Souto, estudante paraense alvejado à queima roupa por policiais militares no restaurante Calabouço, centro do Rio, em 28 de março de 1968. O episódio da morte de Edson Luís constitui peça central do romance “A Voz Submersa”, escrito por Miguel em 1984. No livro, a protagonista Dulce, mulher de classe média e apolítica, é literalmente tragada pela passeata fúnebre. “Viver a vida – narrativas de um exílio no Rio” se encontraria, no tocante ao universo literário do meu avô, como um elo entre “Primeiro de Abril” (1994) e a “Voz Submersa” (1984), portanto. Em seu bojo esses livros trazem uma meditação continuada sobre o significado da ditadura, tal como vivida na experiência singular de um escritor e dos que o cercavam.

Concretamente, o que temos em “Viver a vida” é uma narrativa que, após um brevíssimo recorrido dos fatos posteriores à soltura de Salim e Eglê, começa de fato em fevereiro de 1965 – data da mudança da família, e prossegue cronologicamente até o ano de 1968, terminando em data indeterminada, porém anterior à morte de Edson Luís.

Que a insistência em nomear sua experiência como exílio alimentasse meu avô em sua escrita no final de sua vida como escritor é significativo. A palavra exílio é mais um começo que um fim, abrindo mais problemas que os que pode solucionar. Assumida, essa chave interpretativa transfigura os anos de meus avós no Rio em outra coisa, e os exílios vão se multiplicando.

Um ou dois exílios? Eglê Malheiros e Salim Miguel se acompanharam um no exílio do outro, unidos pela amizade e pelo amor em um casamento que já durava treze anos quando o exílio começou. Poderíamos dizer, então: memórias de exílios no Rio, assim no plural, estragando um pouco a beleza do título provisório que guardei. No entanto, é verdade que tiveram experiências profissionais muito distintas nesse exílio: enquanto meu avô prosseguia com a profissão que escolhera, de jornalista e escritor, minha vó interrompia a carreira dela, de professora, e confinava-se ao espaço doméstico, dedicando-se ao trabalho de casa, ao cuidado com os filhos e a ocupações intelectuais compatíveis com esse espaço, trabalhando como tradutora e revisora.

Dois ou vários exílios? Por essa linha de raciocínio, logo se chega às crianças: João José, Antônio Carlos, Sônia e Paulo Sérgio, todos nascidos em Florianópolis, cada um com sua idade, à época do golpe de 1964: 10, 9, 8 e 4 anos, respectivamente. Chegando no Rio de Janeiro em 1965, cada uma dessas crianças, filhos de Eglê e Salim, viveria à sua maneira um exílio, nos limites de suas possibilidades objetivas, de seus temperamentos, da personalidade em formação, marcada por tais eventos. Por fim, há o filho concebido no Rio: Luis Felipe, o filho do exílio, nascido em 1967.



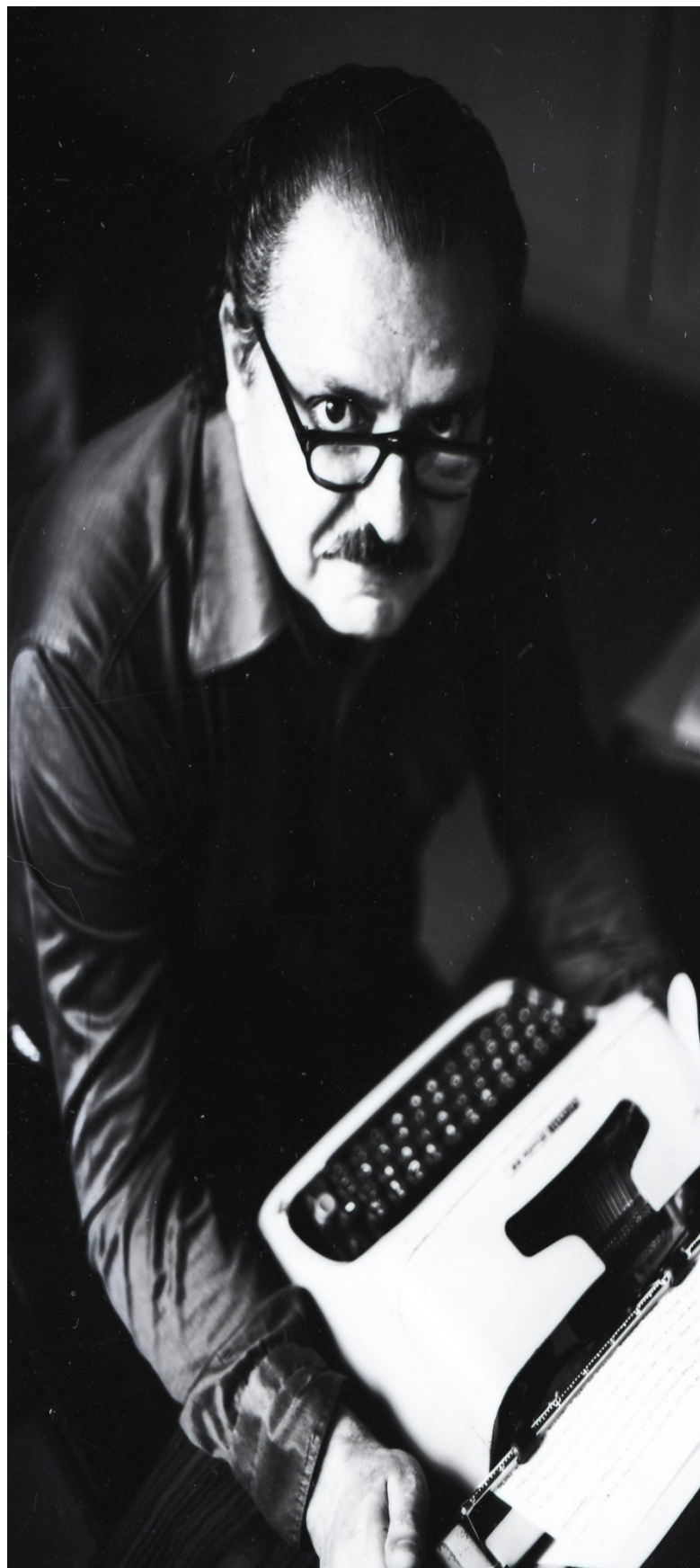
Meus avôs viveram vários trânsitos em sua vidas. Muitos exílios, portanto? Vamos somando. Ponha-se na conta mais dois, um da parte de Salim e outro por parte de Eglê, marcando sua vida quando crianças eram. Meu avô foi transportado aos três anos de idade do Líbano para o Brasil por seus pais, junto com um tio e dois irmãos menores. Aqui ele esqueceria a língua “materna” e tornaria-se um escritor em português brasileiro. A experiência migratória não foi exílio mas poderia ter sido, marcada que foi pela condição mais ou menos forçada dos migrantes em sair de uma terra pobre de oportunidades.

Já minha vó perdeu o pai, assassinado por jagunço dos latifundiários em Lages, na região de Santa Catarina onde ocorreu a Guerra do Contestado. Odílio Cunha Malheiros, jornalista e promotor de justiça, encampara a luta pelos direitos dos posseiros na região, por isso o assassinato. Foi em 1932 e minha avó contava quatro anos de idade. Seguiu-se a itinerância, por ela elaborada no belo e curto conto intitulado “Descobrimentos”.

Meu avô não gostava de livraria em shopping. Dessa obsessão do fim da vida dá testemunho “Nós”, seu último romance, concluído em 2012 e publicado em 2015. É provável que a redação de “Viver a vida” e a de “Nós” tenham sido em parte simultâneas, mas a do último andou mais e concluiu-se. No derradeiro romance as referências a shoppings, a ar condicionado e a livrarias de shopping são várias e sempre desabonadoras. Lembro que a prisão onde “Pepe” Mujica foi torturado tornou-se um shopping center em Montévideu. Agora entendo: nada mais que isto. Este país, onde poderia haver escolas públicas e reforma agrária, este país eles conquistaram, arrasaram e puseram em cima um shopping. Ainda assim, meus avós foram homenageados com uma placa de metal com desenho retratando os dois, batizando a livraria Saraiva do Shopping Iguatemi (atual Shopping Villa Romana) de “Livraria Eglê e Salim Miguel”. Coisas da vida. Não sei se a livraria continua lá, nem se resta ali a (maldita) placa.

Jorge Luiz

Neto de Salim Miguel





SALIM MIGUEL: UM LIVRO DA ESCURIDÃO PARA A LUZ.

Alejandro Bitar

No primeiro centenário do nascimento do saudoso e grande escritor brasileiro de origem libanesa, me pediram para analisar filosoficamente o seu livro *Nur na Escuridão*. Disseram-me que havia sido traduzido para o árabe com o título “*de Koura ao Brasil, ida e volta*”, porém este não tem relação com o título original, cujo elo dialético estaria baseado nas trevas e na luz.

Procurei esta tradução em vários lugares e não a encontrei; foi-me apresentada uma cópia em português. Eu tentei ler. Li várias páginas, mas não continuei. Como posso ler, no meu português fraco, uma biografia que começa quando Salim Miguel e a sua família embarcaram no primeiro navio em busca de uma nova vida, num novo mundo, sobre o qual nada sabiam?

Ler um percurso de vida rico com suas tragédias e inspirações, com seus fracassos e sucessos, com suas tristezas e alegrias, sem possuir os meios linguísticos adequados, me parece extremamente superficial e mais próximo da artificialidade do que da criatividade literária.

Portanto, vivenciar o livro *Nur na Escuridão* e interagir com seus acontecimentos, no tempo e no espaço, com seus personagens e heróis sem ser o seu idioma, é como mergulhar em um mar profundo, misterioso em sua quietude e tempestuoso em suas ondas; é não lidar bem com seus segredos para nadar nele. Assim, a minha recusa em comentar o livro ou analisá-lo literária ou filosoficamente não se deve a uma arrogância e condescendência, mas sim a uma incapacidade de desconstruir os seus mistérios e explorar suas profundezas, atingindo os recônditos de seu abismo.

Pararia por aqui para dizer que Salim Miguel continua sendo para mim um segredo cujos esconderijos não consegui revelar?

Não convivi com Salim Miguel porque a história interpôs entre nós; e só li sobre ele através de suas entrevistas que me foram disponibilizadas. Não examinei os seus livros e não possuo os meios linguísticos que me permitiriam alcançar a espiritualidade de suas obras. O que fazer? Como posso atender à obrigação da memória e escrever algumas palavras sobre ele?

Sem coexistência, sem ideias, sem linguagem, sem diálogo. Disse a mim mesmo que só me restava voltar às suas entrevistas na imprensa, a algumas de suas declarações e aos títulos dos seus livros. Mas em vão, pois, a escuridão se interpôs entre mim e Salim, e a escuridão continuou sendo o elo entre nós dois.

Desisto e volto aos fatos de mãos vazias? Estaria decepcionando os seus fãs? Enquanto estava neste estado de dúvida, uma voz dentro de mim me falava: Isso não pode ser tudo. Deve haver algo que abra uma janela em que eu possa espreitar o mundo de Salim Miguel.

Novamente, o som torna-se silencioso e com ele são fechadas as janelas, são trancadas as portas, e o mundo de Salim Miguel torna-se, mais uma vez se, escuridão sem luz. Escuridão sem luz? Repeti essas palavras várias vezes. E na última vez, me perguntei: como podemos falar sobre escuridão sem luz?

Não existe uma relação dialética entre a luz e a escuridão? Existe luz sem escuridão e escuridão sem luz? As duas não precisam uma da outro?

Nessas últimas perguntas, eu parei, ponderei e voltei para trás, para o baú de minha memória, para anos conclusos, para o ano de 2018, quando o seu filho, Antônio Carlos Miguel, me visitou no gabinete do Consulado Geral. Naquele dia, depois de uma longa e interessante conversa, ele me contou que seu pai, Salim Miguel, vivia com os livros. Dia e noite, ele não abandonava os livros.

Ele só se lembrava do pai sempre com um livro nas mãos. Passou a maior parte da vida lendo e escrevendo, isolado do mundo, como se fosse um monge em um eremitério distante.

Naquele dia, as palavras de Antônio Carlos me fizeram imaginar Salim Miguel transformando-se lentamente, entre as páginas dos livros e as folhas de caderno, feito "Kafka", num grande livro de centenas de páginas, que as juntou numa grossa capa na qual estava escrito um título em preto escuro, a cor da escuridão: "Salim Miguel". O grande livro não estava mudo e falou comigo: "Os dias em que Salim passou alienado das alegrias da vida cotidiana, nada mais foram do que uma mensagem do seu destino. O destino do afastamento da vida através da leitura e da escrita, encarnando-se, depois de uma longa luta, num livro enorme, expressão de uma coleção de livros, que, para quem escreve, o traz de volta à vida, ainda que com outra roupagem e com uma nova aparência".

O som do livro desapareceu da minha imaginação, enquanto outras palavras permaneceram ecoando dentro de mim. Esforcei-me muito para tentar reformulá-lo em uma ideia clara que todos pudessem entender. Entre uma tentativa e outra, voltei ao título de seu livro, *Nur na Escuridão* Voltei a admirá-lo e permaneci nesse estado de contemplação até ser sobrestado pela sua eloquência, cuja profundidade não havia percebido à primeira vista.

Mas agora que a sua eloquência foi revelada diante de mim com toda a sua beleza, percebi o segredo de Salim. O segredo de uma pessoa cuja escuridão se interpôs entre ele e a sua vida cotidiana entediante, e após a sua morte a luz o devolveu a um mundo autêntico, o mundo da literatura que ele amou até perecer nele.

É verdade que **não** li o livro *Nur na Escuridão* Também é verdade que não conheci Salim Miguel, o ser humano, mas agora já posso, assim como um grande número de pessoas, ler Salim Miguel, cujo título sombrio se tornou uma luz no livro.

Dr. Alejandro Bitar

Cônsul Geral do Líbano no Rio de Janeiro

ALGUNS DOS PRINCIPAIS TÍTULOS DA OBRA DE SALIM MIGUEL

Com 21 títulos de ficção e mais oito com resenhas literárias e crônicas, uma boa introdução para a obra do autor é o romance *Nur na Escuridão*. Editado em 1999 (e traduzido para o árabe e lançado no Líbano em 2013), trata de forma ficcional a chegada de sua família ao porto do Rio de Janeiro, em maio de 1927, mostrando a adaptação à cultura, aos costumes e ao idioma da nova terra. Talvez inconscientemente, há muito da literatura árabe na forma da narrativa. Através do livro, palavras árabes são utilizadas sem tradução ou notas de pé de página, acompanhando o processo de aprendizado dos imigrantes.

Outro romance de estrutura inovadora, *A voz submersa* (1984) tem entre seus temas a morte do estudante Edson Luís durante os protestos contra a ditadura militar, em 1968, no Rio de Janeiro. Mas, a narração é através de uma conversa telefônica da personagem principal, como um desabafo em moto contínuo, misturando memórias e frustrações de alguém com distúrbio bipolar.

Em 1994, 30 anos após o Golpe de 64, no romance *Primeiro de Abril: Narrativas da cadeia*, o autor também tratou de forma ficcional os 48 dias em que ficou preso para averiguações acusado de subversão. Durante as férias forçadas, ele fez anotações a lápis em um caderno que manteve guardadas por cerca duas décadas, até decidir transformar esse material em livro. Traduzido para o francês, foi editado em Paris pela Editora L'Harmattan, sob o título *Brésil avril 1964: La dictatúre s'installe*.

Quase todos seus livros de ficção têm como referência o município de Biguaçu, onde a família viveu por quase uma década e meia, entre os anos 1930 e parte dos 1940. Entre as exceções está a novela *As confissões prematuras* (1998), de atmosfera kafkiana, com apenas três personagens sem nome, o gordo, o magro e a mulher.

Observador da vida cotidiana, ele estreou na literatura em 1951, aos 27 anos, com o volume de histórias curtas *Velhice e outros contos*. O livro é fruto de sua experiência de trabalho no censo do IBGE de 1950. O jovem que escreveu sobre a velhice fez o caminho inverso em seu penúltimo livro, o romance *Reinvenção da infância*, editado em 2011, aos 87 anos.

Em outro livro de contos, *A morte do tenente e outras mortes* (1979), o texto de abertura, *O gramofone*, é inspirado em experiência vivida pelo pai, Yussef, durante a adolescência na região de Koura, no norte do Líbano. Essa volta via memória paterna à terra natal foi aprofundada quase duas décadas depois no romance *Nur na Escuridão*.

A lista com a obra completa de Salim Miguel pode ser consultada no Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel, no IDCH. Inclui as capas de todos os livros, ficção e não-ficção, com nome e cidade de cada editora e ano de publicação. Alguns, também têm o número de registro na Biblioteca Nacional.

Link: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/953/SalimMiguel_publicacoes_1630424219939_953.pdf

PATRONO DE HONRA



**DR. ROBERTO
CURI HALLAL**

PATRONOS



1) ANTÔNIO HOUAISS



2) ASSAAD YOUSEF ZAIDAN



3) ROSE MARIE MURARO



4) ADIB JATENE



5) ELIAS FARHAT



6) EMIL FARHAT



7) ALMIR CHEDIAK



8) ODETTE EID



9) ARNALDO JABOR



10) FÁBIO SABAG



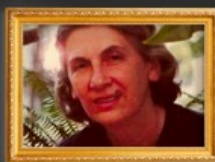
11) AZIZ AB`SABER



12) CHAFIC MALUF



13) ANTÔNIO MALUF



14) DIANA MUSSA



15) FOED CASTRO CHAMMA



16) ANTÔNIO NÁSSARA



17) IVON CURI



18) JANETE CLAIR



19) JOÃO SAYAD



20) TITO MADI



21) JAMIL AL MANSUR HADDAD



22) MANSOUR CHALITA



23) NEUSA MARGEM



24) PETER MEDAWAR



25) SALIM MIGUEL



26) ADIB FERES SAD



27) JORGE ZAHAR



28) TUNAI



29) ANTONIO ABUJAMRA



30) WALTER HUGO KHOURI



31) JAMIL HADDAD



32) JORGE MEDAUAR



**33) ALPHONSE NAGIB
SABBAGH**



**34) SAMIRA NAHID
MESQUITA**